TIRA-TEIMA

EDIÇÃO HISTÓRICA

PLACAR

DE 1971 A 2000

TODAS AS FINAIS DOS BRASILEIROS

- O PENTA DO FLAMENGO
- O TETRA DE PALMEIRAS E VASCO
- O TRI DE CORINTHIANS, SÃO PAULO E INTER
- O BI DO GRÊMIO
- E OS TÍTULOS DE ATLÉTICO, GUARANI, FLUMINENSE, CORITIBA, SPORT, BAHIA E BOTAFOGO

- OS TEXTOS ORIGINAIS DAS 31 DECISÕES DE CAMPEONATO
- OS HERÓIS DOS TÍTULOS
- AS FICHAS DAS FINAIS

R$ 3,90

WWW.PLACAR.COM.BR
•1194 A• AGOSTO 2001•

Abril

FIBRA DE CAMPEÃO
FIBRA
rhumell
INDOOR
SOCIETY
CAMPO
Rhumell
NEWPORT

agosto 2001 • 1 194-A

CARTA AO LEITOR

A MELHOR DAS LEMBRANÇAS

Vez por outra aparecia alguém aqui na PLACAR com cara de pedinte. "Pô, você não me arruma um xerox daquela reportagem do Flamengo campeão de 1980?". Outro dia foi um professor gaúcho que implorou cópias de matérias dos três títulos brasileiros do Inter nos anos 70. Só aí caiu a ficha. Finais vencidas pelo clube de coração são lembranças deliciosas, podem ser mais fortes que a primeira bicicleta, o primeiro beijo, a primeira... Bom, melhor parar de tanta recordação. O fato é que a história da PLACAR se confunde com a história do Campeonato Brasileiro. Nós começamos em março de 1970, o Brasileirão em 1971.

Queríamos resgatar a atmosfera da época e buscamos as reportagens publicadas na revista depois de cada uma das 31 finais (foram 30 anos, mas em 1987 tivemos dois campeões, Flamengo e Sport). E a regra foi uma só: republicamos o texto original, com o mínimo possível de alterações. E olhe, tem cada texto bom! Sobretudo porque foram matérias escritas no calor da decisão. O texto malandramente carioca de José Trajano em 1974, a descrição dos bate-bocas do Flamengo 3 x 2 Atlético-MG (1980) por Marcelo Rezende, a emoção em estado bruto no trabalho de Divino Fonseca em 1975/76 e outros. Coisas de primeira, abrilhantadas pelas fotos de J. B. Scalco, Ricardo Chaves, José Pinto, Ricardo Corrêa e outros craques da imagem. Quem coordenou toda a edição foi o redator-chefe André Fontenelle. Um apaixonado por futebol que veio ao mundo justamente em 1971, ano em que começava toda essa história que estamos contando. ◻

SÉRGIO XAVIER FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa

PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo

VICE-PRESIDENTE COMERCIAL: Carlos R. Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Paulo Cesar Araújo

DIRETOR DE NÚCLEO: Paulo Nogueira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Xavier Filho

DIRETOR DE ARTE: Fábio Bosquê Ruy
REDATOR-CHEFE: André Fontenelle
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Ricardo Corrêa Ayres
EDITOR SÊNIOR: Paulo Vinícius Coelho
EDITORES ESPECIAIS: André Rizek, Arnaldo Ribeiro, Fabio Volpe
REPÓRTERES: Eduardo Cordeiro, Léo Romano (RJ) e Rodrigo Garofalo
SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA: Alexandre Battibugli
FOTÓGRAFO: Eduardo Monteiro (RJ)
DIAGRAMADORES: André Koguti e Crystian Cruz
ATENDIMENTO AO LEITOR: Silvana Ribeiro
COLABORADOR: Luciano Augusto Araujo

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo;
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto; NOVA YORK: Grace de Souza;
PARIS: Pedro de Souza; RIO DE JANEIRO: Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

Marketing e Circulação
Diretor: Ricardo Packness de Almeida
Gerente de Produto: Euvaldo Junior
Assistente de Produto: Erica Lemos
Promoções e Eventos: Marina Decânio
Projetos Especiais: Cristina Ventura

Publicidade
Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Amaral
Gerentes: Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ).
Executivas de Negócios: Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia
Executivos de Contas: Emiliano Hansenn, Luciene Ribeiro (RJ), Renata Miolli

Processos
Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta
Coordenador de Publicidade: Renato Rosante
Coordenador de Produção: Ricardo Carvalho

Planejamento e Controle
Gerente: Auro Iasi
Consultor Financeiro: Fabio Luis dos Santos

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Ana Dávalos
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

GERENTE ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Angela Rehem de Azevedo
DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões
REPRESENTANTE EM PORTUGAL: Manuel José Teixeira

PRESIDENTE: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira
Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso,
Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita,
José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini
www.abril.com.br

O PRIMEIRO CAMPEONATO NACIONAL OFICIAL, sucessor da Taça de Prata, marcou o triunfo histórico do Atlético-MG de Telê Santana e Dario. Foi no Maracanã, em cima do Botafogo

CAMPEÃO DO BRASIL

Antes da final, teve gente que disse que o Galo era "imaturo". Mas o time fez o que bem entendeu: não recuou, obrigou o Botafogo a brigar ali no meio-de-campo e soube ir à vitória quando teve oportunidade

>> POR TEIXEIRA HEIZER

O Atlético, mineiramente, dividiu o fubá: um pouco para a época da colheita, outro bocado para o tempo das vacas magras. Ele foi assim ao vencer o Botafogo, no Maracanã, conquistando o título de campeão nacional.

Até o gol, sua torcida (20 mil pessoas vieram de Minas) trabalhou em silêncio. Depois explodiu:

— Ga-lo!

Era só o que se ouvia, enquanto, cautelosamente, o time trocava passes, vez por outra procurando o gol do Botafogo para mostrar que estava bem vivo.

O Atlético da vitória sobre o Botafogo foi diferente do time explosivo — embora bem estruturado — de outros jogos. Se a vitória não lhe sorrisse, ele se daria por satisfeito com o empate. Por isso, mudou sua estratégia de jogo.

Antes do jogo, Telê dissera a um amigo que seu time trocaria passes entre as duas intermediárias, tentando atrair o Botafogo pra aquela faixa. E foi entre as duas linhas que Vanderlei, Humberto Ramos, Ronaldo, Oldair, Lola (depois Spencer) e Tião rolaram a bola, num jogo torturante para a torcida mineira — que desejava a vitória a qualquer custo —, mas compensador para os planos de Telê. Nem mesmo os cochilos da defesa, algumas vezes envolvida pelo talento de Jairzinho, chegaram a perturbar os planos do Atlético.

Marcando o gol, aí sim o bloco intermediário ajustou-se à realidade: caiu na defesa e deixou Dario sozinho na frente:

— Mesmo só, levei vantagem. Mostrei que sou um grande artilheiro.

Se Dario foi eleito por alguns comentaristas para ganhar os prêmios, Telê reservou seu primeiro abraço para Humberto Ramos, melhor jogador do Atlético e autor intelectual do gol.

— Hoje sou um homem realizado. Fui campeão infanto-juvenil, juvenil e de profissionais pelo Fluminense. Campeão mineiro e nacional pelo Atlético (Telê).

— Telê deveria ser o técnico da Seleção. Seríamos campeões mundiais novamente (Néri Campos, diretor de futebol do Atlético).

Nas cadeiras especiais, andando com dificuldade, um homem não era notado pelos torcedores:

— Eu poderia estar ali. Fazendo gols, ganhando este título. Vou abraçar meus ex-companheiros e meu amigo Telê. Acima de tudo, sou torcedor do Atlético (Vaguinho).

Na cabine de uma televisão, um terceiro interessado no jogo via, melancolicamente, diluírem-se suas esperanças de conquista do título nacional. Era Poy, que comentou o jogo.

— Não foi uma grande partida. Lamento que o Botafogo não tenha tido forças para vencer o Atlético.

Para os dirigentes do Botafogo, o título ficou em boas mãos. Eles preferiam desencadear suas frustrações sobre Armando Marques. O técnico Paraguaio falou pouco e certo:

— Ganhou o time mais homogêneo do Nacional.

Nas arquibancadas, a torcida do Botafogo saía humildemente — tinha sabido perder com honra.

Mas, do lado esquerdo da tribuna de honra, enquanto Oldair erguia com dificuldade a pesada e valiosa Taça de Prata, uma torcida ruidosa, ajudada por bandeiras de Flamengo, Fluminense e Vasco, não parava de gritar. Tinha dado Galo na cabeça.

"TELÊ DEVERIA SER O TÉCNICO DA SELEÇÃO. SERÍAMOS CAMPEÕES MUNDIAIS NOVAMENTE"
NÉRI CAMPOS, DIRETOR DE FUTEBOL DO ATLÉTICO

SEBASTIÃO MARINHO

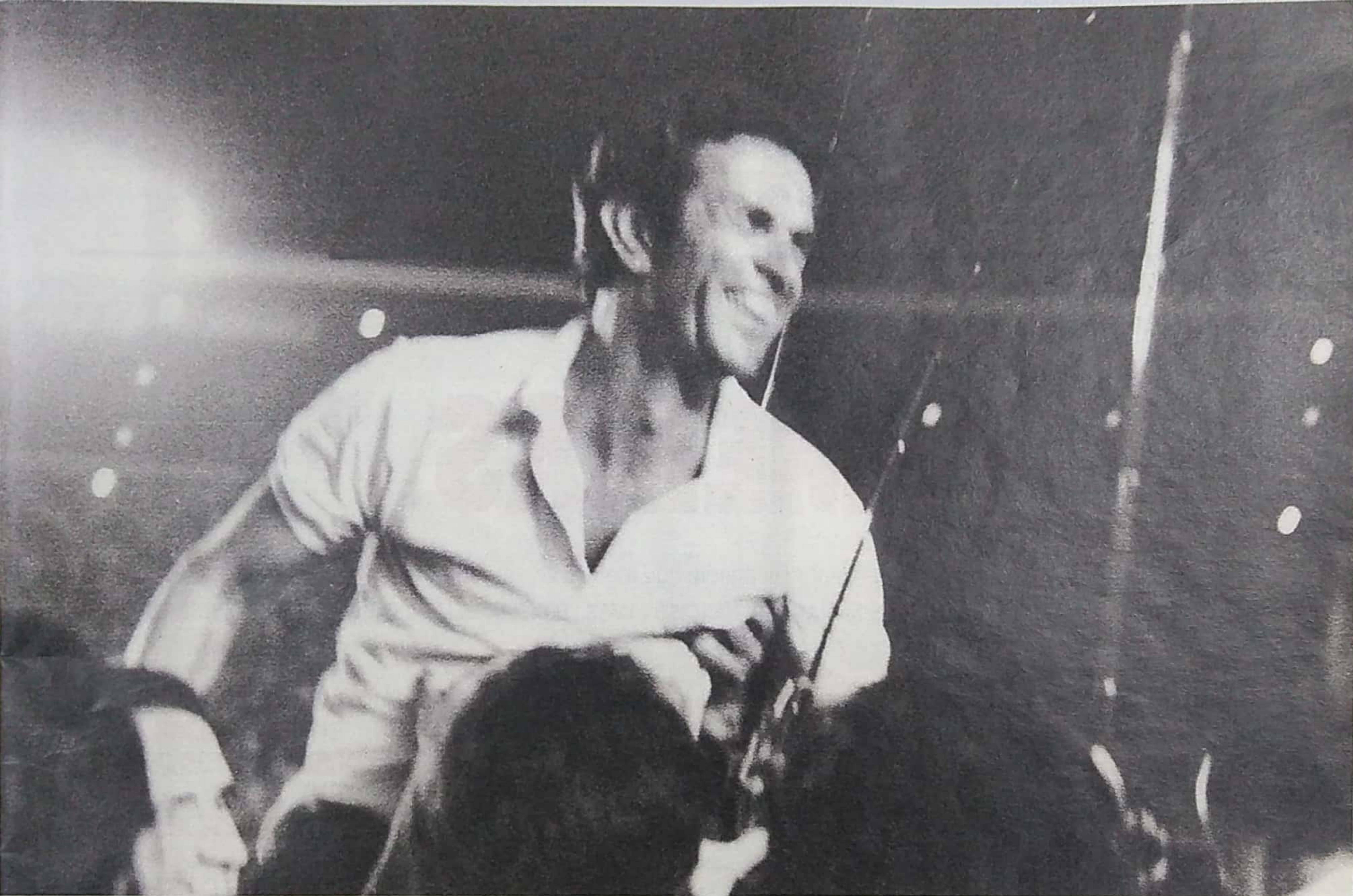
19/12/71 **MARACANÃ (RIO)**

BOTAFOGO 0 X 1 ATLÉTICO-MG

J: Armando Marques (SP); **R:** Cr$ 294 420; **G:** Dario 16 do 2°; **E:** Carlos Roberto 40 e Mura 42 do 2°

BOTAFOGO: Wendell, Mura, Djalma Dias, Queiroz e Valtencir; Carlos Roberto e Marco Aurélio (Didinho); Zequinha, Nei Oliveira, Jairzinho e Careca (Tuca). **T:** Paraguaio

ATLÉTICO: Renato, Humberto Monteiro, Grapete, Vantuir e Oldair; Vanderlei e Humberto Ramos; Ronaldo, Lola (Spencer), Dario e Tião. **T:** Telê Santana

PAULO NEM

Telê e o povo, Dario e o gol: cautela mineira

O TÍTULO FOI CONQUISTADO com um 0 x 0, mas ninguém tinha dúvidas de que o Palmeiras tinha o melhor time do país. Um prêmio a uma equipe que já havia conquistado o Campeonato Paulista daquele ano

MAIS UMA VEZ DEU PALMEIRAS

Acabou a maratona do Nacional. Seu vencedor foi aquele que melhor se apresentou, o que todos esperavam chegar

>> POR CARLOS MARANHÃO, NARCISO JAMES, TEIXEIRA HEIZER, FAUSTO NETO E DIVINO FONSECA

Agomar Martins apita o fim do jogo, a torcida começa a gritar, pular, chorar. Ademir da Guia dá um chutão na bola e sai correndo em direção aos repórteres de campo, braços erguidos.

— É meu, é meu. Nós somos campeões.

Ele sabia que tinha ganhado o troféu de melhor jogador do Nacional, a Bola de Prata e a maioria dos prêmios que as rádios e tevês dão ao melhor de cada jogo. Pela primeira vez, em três meses e 14 dias, Ademir perdia a calma.

— Nós merecemos o título.

Sem camisa, erguido pelos torcedores que invadiram o campo, Luís Pereira chorava. Aquele negro enorme era o verdadeiro herói do último jogo, um jogo feio, chato, como todo jogo decisão.

Um dia antes do jogo, a delegação do Botafogo já estava em São Paulo, desmentindo a imagem de boêmia e irresponsável. Dos jogadores, só saíam palavras humildes e iguais às do técnico Leônidas.

— O Palmeiras merece ser o campeão, fez a melhor campanha, joga em casa e pelo empate. Nós tivemos uma campanha irregular, com vitórias e derrotas sem explicação. No fim, acertamos o time e ganhamos moral. Mas sabemos que não dá para ganhar do Palmeiras aqui em São Paulo.

No Morumbi, nem mesmo "quase cheio", muita festa, muitas bandeiras (até do Fogo, com uma torcida barulhenta, que veio do Rio em 64 ônibus), um atraso de 50 minutos. Sempre que há uma decisão entre paulistas e cariocas, faz-se um levantamento, cheio de vitórias e derrotas, datas e detalhes. E a tradição mostra: 60% das vezes valeu o mando do jogo. Para Ademir, o Morumbi diminuía esta vantagem do Palmeiras.

— É grande, um bom gramado, que facilita quem toca bem na bola, como o Botafogo. No Pacaembu, com um gramado pior, nossa vantagem seria maior.

A partir do momento em que a bola começou a rolar, só mesmo um grande torcedor (e quem não é?) podia sentir emoção nas jogadas. Perigo de gol, muito pouco. Jogadas bonitas, ensaiadas, poucas. Nem mesmo havia o clima tenso e veloz que envolve os grandes momentos.

Talvez a culpa tenha sido de Ademir, que impôs sua personalidade, ritmo e calma aos movimentos dos outros 21 jogadores. Afinal, ele fez isso em todos os campos por onde o Palmeiras jogou. O ataque do Botafogo quase não existiu. Todas as suas jogadas morriam no combate de Dudu, na segurança de Alfredo ou na classe e coragem de Luís Pereira.

A superstição se mostrou presente dos dois lados. Mário Genovese, diretor social do Palmeiras, por exemplo:

— Não preparamos nada para festejar. Mas, se ganharmos, a torcida está convidada a ir ao Parque Antártica para um carnaval. Não quero falar mais sobre isso, dá azar.

No vestiário do Botafogo, sobraram algumas velas que iluminaram um pequeno altar.

Um cortejo de carros, buzinas tocando insistentes, muitos foguetes soltos pelos bairros, a torcida se reunindo no Parque Antártica para o carnaval marcaram o fim do Campeonato Nacional de 72. E foi como Brandão falou:

— Venceu o melhor, quem pode duvidar disso?

"ADEMIR IMPÔS SEU RITMO E CALMA AOS MOVIMENTOS DOS OUTROS 21 JOGADORES. AFINAL, ELE FEZ ISSO EM TODOS OS CAMPOS POR ONDE O PALMEIRAS JOGOU"

23/12/72 MORUMBI (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 0 X 0 BOTAFOGO
J: Agomar Martins (RS); **R:** NCr$ 649 445; **P:** 58 287
PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu (Zé Carlos) e Ademir da Guia; Edu (Ronaldo), Madurga, Leivinha e Nei. **T:** Osvaldo Brandão
BOTAFOGO: Cao, Valtencir, Brito, Osmar e Marinho; Nei e Carlos Roberto; Zequinha, Jairzinho, Fischer e Ademir (Ferreti). **T:** Sebastião Leônidas

ZEKA ARAUJO

Dudu e o bigodudo Brito: jogo feio, como toda boa decisão

CRUZEIRO, INTERNACIONAL, PALMEIRAS E SÃO PAULO chegaram ao quadrangular final. Quatro timaços, mas o Palmeiras foi o mais forte. Chegou à última rodada com a vantagem do empate e soube aproveitá-la para se tornar o primeiro bicampeão nacional

SÓ FALTOU O GOL

Que foi merecido, ninguém pode colocar em dúvida. O Palmeiras teve 62 pontos ganhos ao longo do Campeonato Brasileiro e o São Paulo não passou de 52. Este 0 x 0 não quer dizer nada, pois foi injusto >> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Só faltou o gol para que a obra de um grande maestro e seus 11 artistas em noite inspirada se tornasse perfeita. Um gol. Mas o que importa o gol, no caso um simples detalhe a mais, se o resto, a gana, o amor, a briga pela bola, o toque, o chutão, o revide, tudo esteve presente? Nada. Nada para quem durante meses, num campeonato inteiro, de ponta a ponta, se mostrou melhor.

Quem precisava correr, sufocar o adversário, ir para a frente e tentar o gol logo de saída era o São Paulo. Poy sabia disso, o time foi instruído para isso, mas o Palmeiras sabia mais. E sabendo, longe de se acomodar na busca do empate, ditou as regras, estabeleceu o ritmo e foi mais time.

O Palmeiras correu quando sentiu que precisava correr para não deixar que o São Paulo o fizesse. Catimbou — e ganhou — quando Forlan, Rocha, Terto e Chicão tentaram catimbar, amedrontar Ademir, Leivinha e, principalmente, Nei. Segurou o jogo e a bola quando o gás estava acabando e não se envergonhou de dar chutões para os lados quando o São Paulo, já no desespero, tentou o tudo ou o nada. Ganhou na bola, na raça, no cuspe, na catimba, nos palavrões. Ganhou, acreditem, com Ademir levando cartão amarelo, saindo com o calção rasgado e olhando duro, de frente, peito a peito com Forlan.

E ganhou fazendo no campo o que foi bolado no vestiário. Onde estão as pedras onde se estrutura o time do São Paulo? Qualquer criança é capaz de responder que estão em Pedro Rocha, em Zé Carlos e em Mirandinha. Qualquer criança e Brandão também. Dudu, como um operário fiel, obediente, foi o cão de guarda que acompanhou Pedro Rocha aonde ele ia, mordendo, ganhando na classe, no grito. E matando Rocha — já meio morto com a perna esquerda sem poder ser usada, jogando no sacrifício — matou mais de matade do São Paulo. Sem Rocha, acabaram os lançamentos para Mirandinha e Terto. Ademir da Guia, esquecendo que era o Divino, deixando de lado a nobreza do seu futebol, saiu marcando e até caçando Zé Carlos. Luís Pereira fazia na sua zona, no seu pedaço de mundo, o que todo torcedor implorava que alguém fizesse e o que todos nós vamos pedir que ele faça na Copa de 74: arrepiava, saía jogando e zombava de quantos tantos ousavam derrubar a Muralha da China. Deu gosto vê-lo esnobar a categoria que tem. Deu gosto, até, vê-lo repetir Forlan e correr para a torcida do São Paulo mostrando a camisa verde, suada, colada ao seu corpo bicampeão.

E nada disso aconteceu porque o adversário se entregou, perdeu-se por completo na sua estrutura. Aconteceu porque o mais forte, o que decidiu ganhar quando podia até mesmo empatar ou perder, lhe impôs o ritmo e o tempero.

Só faltou o gol para que a obra se tornasse completa, perfeita, imortal, quando se sabe que, por unanimidade, Waldir Peres, o goleiro do São Paulo, foi o melhor em campo, o que mais trabalhou, o que, sem precisar correr, saiu de campo suado. Por acaso, dois dos muitos chutes de Leivinha e um de César não valeram como meio gol? E, afinal, os pontos ganhos, a garra, o amor, a superação e a sublimação não valeram e não justificaram o mais merecido dos títulos?

"O PALMEIRAS SEGUROU A BOLA QUANDO SENTIU QUE O GÁS ESTAVA ACABANDO. E NÃO SE ENVERGONHOU EM DAR CHUTÕES"

20/2/74 **MORUMBI (SÃO PAULO)**

PALMEIRAS 0 X 0 SÃO PAULO

J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 990 860; **P:** 66 549

PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Ronaldo, Leivinha, César e Nei;. **T:** Osvaldo Brandão

SÃO PAULO: Waldir Peres, Forlan (Nélson), Paranhos, Arlindo e Gilberto; Chicão e Pedro Rocha; Terto, Zé Carlos (Ratinho), Mirandinha e Piau. **T:** José Poy

Luís Pereira não dá
chances ao tricolor
Mirandinha: área era dele

O PRIMEIRO TÍTULO BRASILEIRO do Vasco foi sofrido. O quadrangular final, que também tinha o Santos de Pelé e o Inter de Falcão, terminou com empate entre Vasco e Cruzeiro. Uma bobeira dos mineiros fez o jogo ser transferido para o Rio e Jorginho Carvoeiro decidiu o jogo

O VASCO NÃO DEU COLHER DE CHÁ

Acima de qualquer contestação, dentro de campo, onde o futebol prevalece, o Vasco foi superior ao Cruzeiro

>> POR JOSÉ TRAJANO

O Vasco não decepcionou nem mesmo aos que sonhavam com um baile. O futebol que seu time jogou e, pela variada cadência rítmica, teve muito do melhor samba carioca. Os que esperavam ver o Cruzeiro senhor do campo, ao fim de 90 minutos tiveram de se curvar à realidade: venceu o melhor, o Vasco.

A história da conquista do Vasco é uma sucessão de vitórias impossíveis — até certo ponto facilitadas pelos erros de dirigentes mineiros. O time carioca começou a ganhar o Brasileiro na quarta-feira, 24 de julho, no Mineirão. Nenhum cruzeirense acreditava em outro resultado que não fosse a vitória. Mas o Vasco, mesmo depois de perder o primeiro tempo por 1 x 0, empatou e, no último minuto, o Cruzeiro começava a perder.

Tudo porque, a partir de uma decisão contestada de Sebastião Rufino — ele não marcou um suposto pênalti em Palhinha —, o dirigente Cármine Furletti invadiu o campo para agredir o juiz, e o técnico Hilton Chaves fez o mesmo com o bandeirinha. O erro teria as mais graves repercussões a partir do instante em que o Vasco, depois de empatar com o Inter no Maracanã, viu-se obrigado a disputar uma partida-extra com o Cruzeiro para chegar ao título. De acordo com o regulamento, o jogo seria no Mineirão.

Foi quando os dirigentes do Vasco invocaram um artigo do regulamento que punia o Cruzeiro pela invasão de campo acontecida no jogo do Mineirão. E os mineiros resolveram jogar no Maracanã — o Vasco vencia mais uma batalha.

Enquanto isso, os jogadores viviam climas diversos. Os do Cruzeiro sofriam as incoerências de seus cartolas, que haviam visto entrar em campo para agredir um juiz, ameaçarem não disputar o jogo-decisivo se ele não fosse no Mineirão e, afinal, concordarem com sua transferência para o Maracanã. Ao mesmo tempo, os do Vasco mereciam o apoio dos dirigentes, que prometiam levar o jogo para o Maracanã.

Moral da história: o Vasco foi para cima do Cruzeiro, que começou a ver seus sonhos transformados num pesadelo. Mas os mineiros, se sentiam dificuldade em transformar em gols sua tão afirmada superioridade técnica, talvez pelo nervosismo de todos.

A festa no Rio já dura há uma semana e nenhum torcedor de outro time carioca é capaz de continuar a duvidar do Vasco. É um time que não enche os olhos dos que gostam do futebol acadêmico, das filigramas e do preciosismo. Mas regularidade é com ele mesmo, tanto que em 28 jogos teve 12 vitórias, 12 empates e apenas quatro derrotas. Marcou 33 gols e sofreu dezoito. Se a sua produção no ataque deixou a desejar, foi brilhante o trabalho de sua defesa. Foi sempre uma nau que teve a comandá-la um almirante de pulso firme: Mário Travaglini.

Como há muito não ocorria, os gritos de "Casaca/Casaca/Casaca, saca, saca/A turma/É boa/É mesmo da fuzarca" são ouvidos em qualquer esquina do Rio. E tem muita gente que bebe de graça há uma semana, pois ninguém vibra mais que os seus Manoéis dos botecos quando o Vasco se reencontra com sua grandeza.

E nessas ocasiões, através de todos os tempos, o Vasco nunca foi de dar colher-de-chá. Menos ainda diante de sua apaixonada e vibrante torcida.

"O VASCO É UM TIME QUE NÃO ENCHE OS OLHOS DOS QUE GOSTAM DO FUTEBOL ACADÊMICO. MAS REGULARIDADE É COM ELE MESMO"

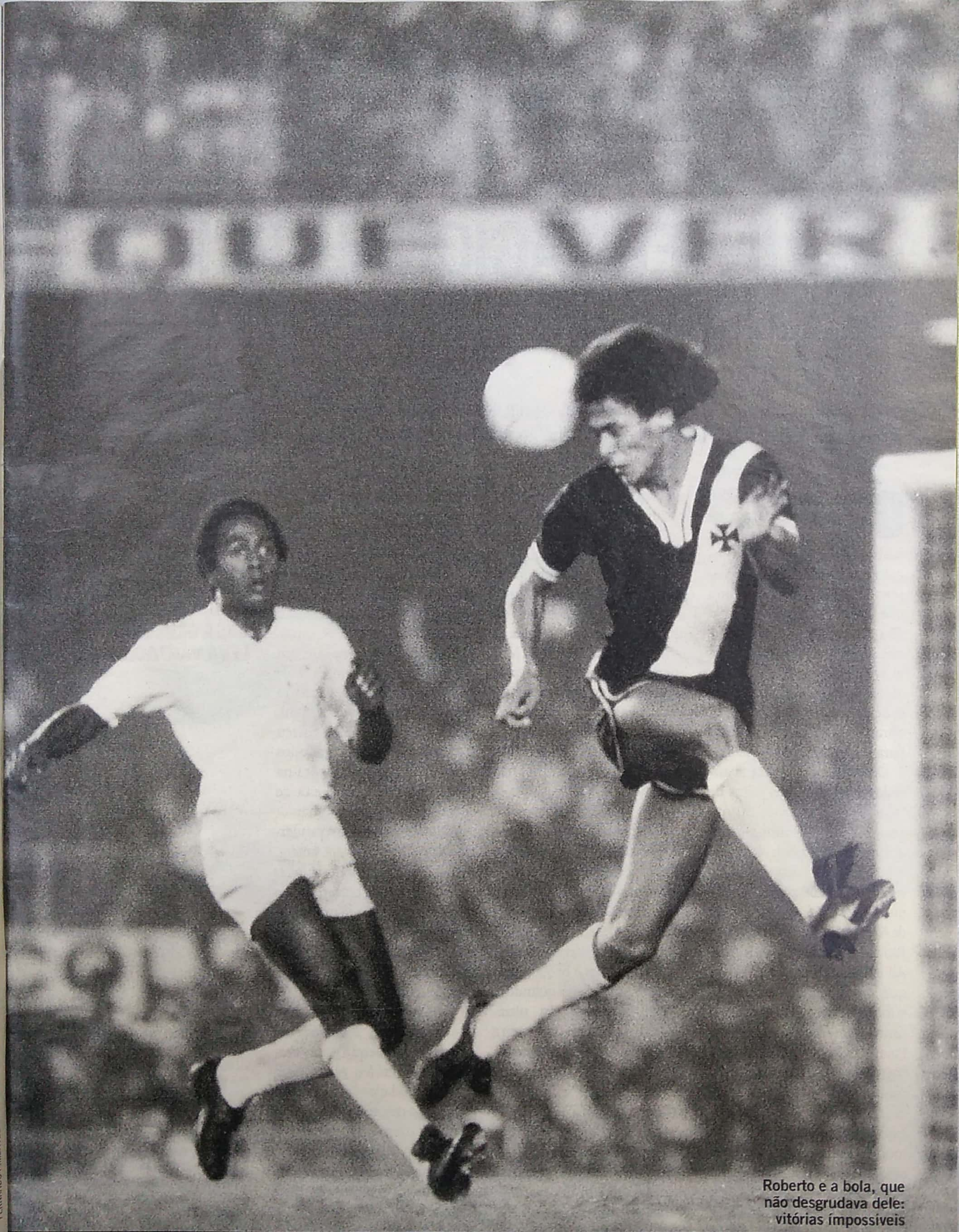
1/8/74 **MARACANÃ (RIO)**

VASCO 2 X 1 CRUZEIRO

J: Armando Marques (SP); **R:** Cr$ 1 413 281,50; **P:** 112 993; **G:** Ademir 14 do 1º; Nelinho 19 e Jorge Carvoeiro 31 do 2º

VASCO: Andrada, Fidélis, Moisés, Miguel e Alfinete; Alcir e Zanata; Ademir, Jorginho Carvoeiro, Roberto e Luís Carlos. **T:** Mário Travaglini

CRUZEIRO: Vítor, Nelinho, Perfumo, Darci Menezes e Vanderlei; Wilson Piazza e Zé Carlos; Dirceu Lopes, Roberto Batata, Palhinha (Joãozinho) e Eduardo (Baiano). **T:** Hilton Chaves

FERNANDO PIMENTEL

Roberto e a bola, que não desgrudava dele: vitórias impossíveis

O PRIMEIRO TÍTULO NACIONAL de um time gaúcho veio num tempo em que o Brasileiro era decidido em uma única partida, no campo do time com melhor campanha. Figueroa fez o gol histórico, para festa da "coréia" — como é conhecida a geral do Beira Rio

INTERNACIONAL, REI COROADO DO BRASIL

Pela primeira vez, a emoção superou um Grenal. O grito de guerra — Colorado! — foi mais forte do que nunca. Os aplausos também. A Figueroa, em dia de graça. Ao velho Manga, num dia de milagres

>> POR DIVINO FONSECA

O banho da vitória dos torcedores que ficam na coréia não teve cerveja ou cachaça, como talvez a comemoração exigisse. Os "coreanos", aqueles torcedores que vêem o jogo de pé, com o gramado ao nível dos olhos, e que esperavam desde as 11h, quando os portões foram abertos (ou seria 1969, quando o Beira Rio foi inaugurado?), atiram-se na água suja do fosso para festejar o título brasileiro.

Coréia, gerais, arquibancadas e cadeiras, aos gritos de "Colorado!", mais de 80 mil pessoas suadas juntaram-se aos que esperavam fora do estádio e caminharam lentamente, desafogados, pelos 3 quilômetros da avenida Borges de Medeiros, que separa o Beira Rio do centro de Porto Alegre. Ali explodiu o maior carnaval que a cidade já viu, pela conquista de um título — o único que faltava ao Inter. Palavras já impressas nas bandeiras e fitas vermelhas muito antes do grande dia.

O carnaval, na verdade, explodiu simultaneamente em todo o Estado. Na festa dos colorados de Livramento, na fronteira, os colorados da uruguaia Rivera — que nela os existem — passaram a fronteira e se uniram a algazarra.

O jogo foi uma loucura, ao qual não faltaram lances de heroísmo. Manga, durante a semana, preocupava os médicos por causa de um estiramento na coxa esquerda — sentiu aos 20 minutos. Mas continuou firme. Fez pelo menos duas defesas incríveis— sob os gritos delirantes da massa, que não cansava de berrar seu nome. O jogo teve outros heróis, embora não tanto quanto Manga.

Esses homens apareceram com sua garra e tudo que sabem de futebol apenas no segundo tempo, pois no primeiro — como não poderia deixar de acontecer numa final — os dois times se apresentaram presos, numa nervosa guerra tática.

E todos os beques extremavam seu zelo quando a primeira barreira era ultrapassada. Aos 7, Morais meteu a sola no pescoço de Lula. Aos 13, Figueroa aplicou o primeiro de três cotovelaços no rosto de Palhinha no rosto de Palhinha — o centroavante mineiro chegou mesmo a sangrar.

Emocionado dentro das medidas, Minelli diria no fim — numa respeitosa homenagem ao talento de Zezé Moreira — que toda aquela cautela era devida ao receio de cair nas armadilhas do velho. Num jogo assim, o dono da casa geralmente leva vantagem: a torcida se inflama e começa a apoiar. O Beira Rio explodiu.

Foi nesse ambiente que, aos 11 do segundo tempo, Valdomiro sofreu falta de Piazza ao lado da área. Figueroa subiu, pediu o cruzamento e correu para a área. Entrou no meio dos beques e acertou de cabeça na bola, que entrou a direita de Raul, apenas capaz de olhar.

Quando Dulcídio Wanderley Boschillia pegou a bola e, depois de efusivamente abraçado por Figueroa, correu para o vestiário, a agoniada massa dos colorados soltou o urro que conteve por 90 minutos (ou seriam seis anos?) na garganta: campeão do Brasil.

— E, agora, rumo à América — proclamava Figueroa no vestiário, erguendo uma miniatura do troféu ganho pelo Inter, ajudado pelo entusiasmado garoto Falcão.

Quer dizer: ano que vem o Brasil terá dois grandes representantes na Libertadores da América. Como provaram em campo.

"O JOGO FOI UMA LOUCURA, AO QUAL NÃO FALTARAM LANCES DE HEROÍSMO. NUM JOGO ASSIM, O DONO DA CASA GERALMENTE LEVA VANTAGEM"

14/12/75 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 1 X 0 CRUZEIRO
J: Dulcídio Wanderley Boschillia (SP); **R:** Cr$ 1 743 805; **P:** 82 568; **G:** Figueroa 11 do 2º; **CA:** Morais e Palhinha
INTERNACIONAL: Manga, Valdir, Figueroa, Hermínio e Chico Fraga; Caçapava e Falcão; Valdomiro (Jair), Paulo César, Flávio e Lula. **T:** Rubens Minelli
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci e Isidoro; Wilson Piazza e Zé Carlos; Roberto Batata (Eli), Eduardo (Souza), Palhinha e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira

Figueroa, camisa 3, sobe mais que todos: era a senha para o carnaval

MAIS UMA FINAL EM APENAS um jogo, mais uma vez no Beira Rio. O Corinthians chegou confiante: um mês antes, havia derrotado o Inter por 2 x 1 no Morumbi. Mas em Porto Alegre o time de Falcão não deixaria o bi escapar

INTER GANHA UMA GUERRA PARA FICAR NA HISTÓRIA

A ordem, no Internacional, era dar no Beira Rio o troco do calor do Morumbi: sair louco mordendo o Corinthians

>> POR DIVINO FONSECA

O Corinthians não podia mesmo ter feito mais. Conheceu, numa decisão, um time que joga com a usual garra corintiana, mas que bota em cima disso uma invejável organização e uma técnica superior. A história aconteceu no Beira Rio, onde 75 mil torcedores abafaram, com seus gritos, buzinas e foguetes, o barulho de 15 mil fiéis.

O Internacional, que é tudo isso, não deixou o Corinthians fazer mais. Quando os jogadores do Inter saíram do vestiário e caminharam sobre o tapete vermelho do túnel, Figueroa repetiu o grito que dera no ano passado, quando o adversário era o Cruzeiro:

— Sorte!

Ao final do jogo, era dele que alguns jogadores do Corinthians se queixavam, relembrando aquelas duas bolas na trave e a incrível defesa de Manga no chute de Neca. Mas não foi ela o fator decisivo, e sim a soma de acertos do Inter. A intenção de Minelli era botar o time a morder desde o início, numa réplica a acontecimento recente: o sufoco aplicado pelo Corinthians no último confronto entre os dois, no Morumbi.

— Dez minutos de calor neles — gritou o técnico na entrada do campo.

Figueroa largou indo à frente. Cláudio desconhecia Romeu e Vacaria armava uma panelinha com Lula em cima de Zé Maria. E dá-lhe cruzamentos. Era um Inter de segundo tempo. E, acima de tudo, Falcão dava a entender que aquele povo não sairia de lá sem ver mais uma de suas sensacionais atuações.

Só um exemplo: aos 23 minutos, Falcão, em sua própria área, aplicou um chapéu em Vaguinho, enfiou a bola por entre as pernas de Neca e saiu trocando passes até a área do Corinthians, terminando por disputar a bola com Moisés, na frente de Tobias. Falcão era síntese do Inter.

Aos 29, o gol. Valdomiro bateu a falta, a bola bateu na barreira e subiu para Dario, de 1,84 m, e Moisés, de 1,78 m. Dadá cabeceou para o canto, embaixo. O gol, mais do que fazer justiça, influiu no comportamento dos dois times. O Inter partiu para o segundo gol, aproveitando o fantástico barulho da torcida. O Corinthians saiu da toca procurando o seu. Os minutos finais do primeiro tempo foram de um jogo digno de uma decisão.

Aos poucos, o Inter foi saindo. E chegou ao segundo gol mais cedo do que esperava. Aos 12, Valdomiro bateu a falta. A bola bateu no travessão e entrou cerca de 20 centímetros. Aí, formou-se o bolo. Inconformados, os jogadores cercaram o bandeira Luís Carlos Félix, que viu bem o gol e acenou para Wright. Duque chegou até a pedir a retirada do time, mas Zé Maria opôs-se:

— Até aí não, chefe.

Depois de cinco minutos de rebuliço, o jogo se reiniciou. Mas logo após seria interrompido por mais 20: atirando rojões, garrafas e latas para o campo, parte da torcida corintiana impedia a cobrança de um córner por Valdomiro. Era o extravasamento de perseguição que surgiu antes do jogo, quando Duque denunciou que o vestiário do Corinthians tinha sido dedetizado.

Dali para diante, nos 23 minutos restantes, só deu Corinthians. Manga fez milagre num chute de Neca. Ruço acertou a trave. Moisés e Neca cabeceavam com perigo. Mas 75 mil pessoas já faziam carnaval.

"QUANDO OS JOGADORES DO INTER SAÍRAM DO VESTIÁRIO FIGUEROA REPETIU O GRITO QUE DERA NO ANO PASSADO, QUANDO O ADVERSÁRIO ERA O CRUZEIRO: 'SORTE!'"

12/12/76 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X 0 CORINTHIANS

J: José Roberto Wright (RJ); **R:** Cr$ 3 200 795; **G:** Dario 29 do 1º e Valdomiro 12 do 2º; **CA:** Manga, Marinho, Falcão, Givanildo e Ruço

INTERNACIONAL: Manga, Cláudio, Figueroa, Marinho e Vacaria; Caçapava e Falcão; Valdomiro, Batista, Dario e Lula. **T:** Rubens Minelli

CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo e Ruço; Vaguinho, Neca, Geraldo e Romeu. **T:** Duque

Dario comemora, Batista passa por Ruço: o bi era inevitável

1977 ATLÉTICO-MG 0 X 0 SÃO PAULO

OS DOIS TIMES ESTAVAM sem seus artilheiros — Reinaldo suspenso por cartões, Serginho por agredir um bandeirinha. O Atlético era considerado favorito. Mas o São Paulo se superou para conquistar seu primeiro título nacional

CAMPEÃO!

Em campo, doze leões comandados por Minelli

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Dirão que foi uma decisão fria, feia, conseguida apenas na cobrança de pênaltis, com os erros de Cerezo, Márcio e Joãozinho Paulista.

Dirão que a história acaba de registrar uma das maiores zebras do futebol, uma fantástica aberração. Dirão que não é possível que um time como o São Paulo, cheio de problemas de contusão e suspensão de Serginho, pudesse chegar aonde chegou. Dirão que é terrível que um time como esse pudesse emudecer o Mineirão, lotado pela torcida mais alegre e fiel de todo o Brasil.

Dirão mil coisas. E daí? Por acaso não constava do regulamento do Campeonato Brasileiro que a decisão poderia ser feita com cobrança de pênaltis?

Mais ainda. Por acaso não fez o São Paulo, domingo à tarde, bem mais que o Galo, por merecer a faixa de campeão — que agora ostenta orgulhoso em seu suado peito? Não teria esse jogo feito do goleiro João Leite uma das grandes figuras em campo, fazendo defesas incríveis, marcando e se firmando como um dos melhores do Brasileiro? Por acaso não teria Márcio tirado de cima da linha de gol um chute preciso de Chicão?

Claro que sim. É certo que, nos cálculos feitos por todos, olhando para os pontos ganhos e até para o número de jogadores chamados para a Seleção Brasileira, tudo apontava o Atlético como feliz e tranqüilo vencedor. O São Paulo preparou-se com cuidado, armou-se para provar que qualquer guerra só pode ser anunciada como ganha depois de vencida a última batalha.

Conseguiu-os não só desprezando as qualidades do adversário e, ao contrário, tratando de anulá-las. Sabia que Cerezo, Ângelo e Marcelo são os seus principais jogadores — já que Reinaldo, assim como Serginho, estava de fora, suspensos pelo Tribunal —, organizando quase todas as suas jogadas. Darío Pereyra grudou em Cerezo; Teodoro juntou-se a Ângelo; Chicão fez o mesmo com Marcelo; Peres — que entrou no lugar de Teodoro — não largou de Paulo Isidoro; o resto ficou por conta de Antenor, cada vez mais perto do lateral de que o São Paulo precisa; de Getúlio, anulando Ziza; de Tecão, numa de suas melhores partidas pelo São Paulo; e de Bezerra, que, agora, depois dessa campanha dispensa apresentações.

O ataque fez o que pôde, com Mirandinha, necessariamente, um pouco isolado; com Zé Sérgio dando trabalho a Valdemir e depois a Alves, com Viana surpreendendo pelo brio, e com Waldir Peres, um dos três melhores goleiros do Brasil. Sereno, preciso, presente nas horas mais difíceis, quando precisou fazer seus milagres, detalhes que acabaram empurrando o time mais pra frente, catimbando quando Márcio foi cobrar o último pênalti do Galo, chutando-o para fora.

Todos os elogios devem ser dirigidos ao técnico Minelli, mais uma vez muito feliz na escolha do esquema de jogo a ser colocado em prática, e aos jogadores que cumpriram fielmente, foram 13 leões de garras afiadas, merecendo todos os aplausos e toda a festa dedicada por sua torcida. Mas, entre todos eles, um especificamente precisa ser colocado um degrau acima daquele em que os outros se situaram. Falo, e todos os mineiros falaram por muito tempo após o jogo, de Chicão.

"TODOS OS ELOGIOS DEVEM SER DIRIGIDOS AO TÉCNICO MINELLI, MAIS UMA VEZ FELIZ NA ESCOLHA DO ESQUEMA DE JOGO E AOS JOGADORES QUE CUMPRIRAM FIELMENTE ESSE ESQUEMA"

5/3/78 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO-MG 0 X 0 SÃO PAULO
J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 6 857 080; **P:** 102 974; **CA:** Tecão, Ângelo, Serginho, Bezerra, Peres e Neca. **Nos pênaltis:** São Paulo 3 (Peres, Antenor e Bezerra; Getúlio e Chicão perderam) x 2 Atlético (Ziza e Alves; Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio perderam)
ATLÉTICO-MG: João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Cerezo e Ângelo; Serginho, Caio Cambalhota (Joãozinho Paulista), Marcelo (Paulo Isidoro) e Ziza. **T:** Barbatana
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão e Teodoro (Peres); Zé Sérgio, Mirandinha, Darío Pereyra e Viana (Neca). **T:** Rubens Minelli

JOSÉ PINTO

Waldir Peres: em uma decisão por pênaltis, o herói só podia ser ele

CAMPINAS LEVA UM TÍTULO SURPREENDENTE. O Bugre chegou ao título com uma impressionante seqüência de 11 vitórias seguidas nas 11 partidas finais, incluindo o Vasco nas semifinais, no Maracanã, e o Palmeiras nos dois jogos decisivos

TIME OFENSIVO, BUGRE REABILITA O NOSSO FUTEBOL

Talento brasileiro, arte brasileira, as duas virtudes de um campeão que veio para ficar >> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

JOSÉ PINTO

O senhor bastante nervoso que reclamava de tudo que o juiz marcava contra o Guarani, sempre de óculos escuros, até mesmo depois que os refletores foram acesos, sentado entre os cartolas, não parava de repetir a mesma coisa:

— Eta, Zé Carlos! Este garoto é bom demais. Vale por um time inteiro!

Zé Carlos era, evidentemente, o seu herói, o herói do jogo que valia a taça.

Podia ter sido Careca, pelo gol que marcou, esfriando todo o Palmeiras, tirando-lhe quase toda a condição de ainda tentar uma virada que levaria ao título. Pelo gol e pelas outras boas oportunidades que andou criando, principalmente no segundo tempo, como aquela de calcanhar que o lateral Rosemiro tirou.

Poderia ter sido Gomes, por não permitir que Escurinho e Jorge Mendonça alcançassem uma só bola de cabeça, a melhor arma do Palmeiras. Ou Mauro, sempre preciso nos rebotes. Ou mesmo aqueles dois gandulas, malandrinhos, que seguravam a bola atrás dos gols — um jeito de passar o tempo.

Mas tinha de ser, e era, o velho Zé Carlos, o garoto, para o nervoso torcedor. Com suas pernas finas, tortas, pisando para dentro. E com sua cabeça fria, consciente, sabendo dosar o fôlego e como acalmar o time de garotos, que, querendo ou não, entrava em campo tenso e preocupado.

O velho Zé Carlos, que tinha a mobilidade necessária para cobrir o lateral Miranda, quando este investia para o ataque; o velho Zé Carlos que se deslocava com a precisão necessária para suprir a ausência de Zenon, já que Manguinha, muito tempo fora do time, e sem as mesmas características do catarinense, se perdia um pouco. E que tinha ainda tempo para amarrar Escurinho aqui, ou para segurar Mendonça ali.

Não tinha a braçadeira de capitão, entregue a Mauro. Mas era, no jogo decisivo, tudo aquilo que o Guarani procurou quando o contratou: o homem que acalmava quando Careca ainda matava com a canela; o homem que segurava a bola quando sentia que Capitão, tenso, não ia dar o pique certo.

E quando terminou a festa, ele apenas atravessou a rua e foi descansar, com a maior tranqüilidade, seu corpo de garoto. Tinha vivido muitas tardes como aquela, no Cruzeiro, mas não com o mesmo sabor.

"ZÉ CARLOS ERA TUDO AQUILO QUE O GUARANI PROCUROU QUANDO O CONTRATOU: O HOMEM QUE ACALMAVA QUANDO CARECA AINDA MATAVA COM A CANELA"

13/8/78 BRINCO DE OURO (CAMPINAS)
GUARANI 1 X 0 PALMEIRAS
J: José Roberto Wright (RJ); **R:** Cr$ 1 706 280; **G:** Careca 36 do 1º; **CA:** Toninho Vanusa, Ivo, Bozó, Mauro e Alfredo
GUARANI: Neneca, Mauro, Édson, Gomes e Miranda; Zé Carlos, Manguinha e Renato; Capitão, Careca e Bozó.
T: Carlos Alberto Silva
PALMEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão (Jair Gonçalves), Alfredo e Pedrinho; Ivo, Toninho Vanusa e Jorge Mendonça; Sílvio, Escurinho e Nei.
T: Jorge Vieira

MANOEL MOTTA

Careca, passando por Gilmar e comemorando o gol: gelo no Palmeiras

O INTER VOLTA A SER CAMPEÃO, e invicto! 16 vitórias e sete empates, 41 gols pró e 13 contra. Nas semifinais, os gaúchos tiraram o Palmeiras; na decisão, duas vitórias sobre o Vasco

2 X 1, FORA O BAILE

Um final merecidamente feliz. Até a decisão, só a nação colorada apostava no tri. E, com alma, vontade e o comando de Falcão, o Inter pôs a terceira estrela no seu escudo. Invicto!

>> POR EMANOEL MATTOS

No gramado, Falcão já está sem camisa, com a faixa de tricampeão no peito nu. Agora, ele procura ficar sério, o rosto se contrai na expectativa que dura alguns segundos. De repente, a Copa Brasil está nas suas mãos. A seu lado, os companheiros gritam, riem e choram. Em volta, 60 mil torcedores entoam um canto alegre. Tudo é emoção nesse Beira Rio, transformado mais uma vez em templo sagrado do futebol brasileiro.

Todo porque aqui, três vezes nos últimos cinco anos, o país assistiu à consagração do campeão. E aqui, mais um adversário teve que se render ao talento individual e coletivo do Inter. Foi assim em 75 e 76, quando Cruzeiro e Corinthians viram Figueroa erguer o caneco. É assim agora, no gesto repetido por Falcão, símbolo e maior por um título que no início parecia impossível. Título conquistado pela garra dos jogadores, que se determinaram a superar todos os preconceitos, quando ninguém acreditava neles. E o saldo final é fantástico: campeões brasileiros invictos. Só assim dá para entender a frase de Falcão na hora da festa:

— Antes de mais nada, este título é dos jogadores!

A verdade é que o Inter nunca foi favorito, mesmo quando venceu o Cruzeiro no Mineirão e o Palmeiras no Morumbi. Essas vitórias não credenciaram Falcão e seus companheiros para a primeira partida contra o Vasco na decisão. Foi preciso que o Inter desse um banho tático no adversário, em pleno Maracanã, para que seus méritos fossem afinal reconhecidos. Com dois gols de Chico Spina, até então de futebol incerto.

Uma derrota que o Vasco não esperava e que abalou os critérios do até então otimista Oto Glória. Ele havia imaginado uma vitória folgada no Rio, para tentar um empate no Beira Rio. Perdido de dois, Oto imaginou o esquema "kamikaze".

— Tanto faz ganhar de 1 x 0 ou perder de seis. Vou com quatro, até cinco no ataque.

Azar de Oto é que o Inter tinha contra-veneno para sua tática. Surpreso no início, Ênio mexeu no meio-campo e ajustou o time. Seguro atrás, mandou forçar o lado esquerdo, através das jogadas insinuantes de Mário Sérgio. Resultado: dois gols nascidos em lançamentos do ponteiro. E outra vitória graças ao talento individual e coletivo do grupo.

O próprio Ênio teve outra razão para vibrar. José Asmuz, candidato da oposição eleito presidente, garantia no vestiário que Ênio permanecerá no próximo ano. Agora ele terá o desafio maior: a Libertadores da América, título que o Inter tentou duas vezes. Para isso, contará com reforços, já garantidos por Asmuz. Reforços que deverão ter o aval de Falcão. Foi ele o responsável pela organização do time.

— Nós oferecemos este título para quem não acreditava no time — dizia Falcão.

Seus companheiros entendiam o recado. Jogadores malditos como Mário Sérgio, ou marginalizados como Cláudio Mineiro, chegaram pela primeira vez ao título brasileiro.

Por isso, as lágrimas correram no vestiário. E houve renovadas promessas de que essa união permanecerá no próximo ano, quando todos terão mais um motivo de orgulho ao vestirem a camisa do Inter: a terceira estrela acima do escudo. Uma estrela conquistada com suor e emoção.

"PELA TERCEIRA VEZ O PAÍS ASSISTIU A CONSAGRAÇÃO DO CAMPEÃO. MAIS UM ADVERSÁRIO TEVE QUE SE RENDER AO TALENTO INDIVIDUAL E COLETIVO DO INTER"

23/12/79 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X 1 VASCO

J: José Favilli Neto (SP); **R:** Cr$ 4 524 850; **P:** 54 659; **G:** Jair 41 do 1º; Falcão 13 e Wilsinho 39 do 2º

INTERNACIONAL: Benítez, João Carlos, Mauro (Beliato), Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; Batista, Jair e Falcão; Valdomiro (Chico Spina), Bira e Mário Sérgio. **T:** Ênio Andrade

VASCO: Leão, Orlando, Gaúcho, Ivan e Paulo César; Zé Mário, Paulo Roberto (Xaxá) e Wilsinho; Catinha, Roberto e Paulinho (Zandonaide). **T:** Oto Glória

NICO NEVES

Falcão faz o dele e decreta:
"Este título é dos jogadores"

1980 FLAMENGO 3 X 2 ATLÉTICO-MG

ZICO CONQUISTA SEU PRIMEIRO título brasileiro numa final eletrizante. Os repórteres de PLACAR Marcelo Rezende (hoje apresentador da TV Globo) e Mílton Costa Carvalho contam tudo de um ângulo raro — de quem presenciou a decisão à beira do campo

MENGÃO É BRASIL CAMPEÃO

A maior torcida do país está em festa. Do Rio parte um grito emocionado que há muito estava atravessado na garganta de uma nação: "O Mengo é campeão". Vibra, galera! >> POR MARCELO REZENDE E MÍLTON COSTA CARVALHO

Este é um jogo que ninguém — lá da arquibancada, pela tevê ou rádio— viu, ouviu ou assistiu.

Começa a partida. O Flamengo parte para a primeira falta, prometida por Tita: um pontapé no joelho de Jorge Valença. Éder corre, Nunes também:

— Calma — diz Nunes — que aqui é o Maracanã e te meto porrada.

São três minutos e o Atlético desce para o ataque. Júnior acerta a perna de Chicão, que retruca:

— Não avança não, filho da ..., que vou te pegar.

Nunes passa perto de Osmar para lembrar-lhe "daquela palhaçada do Mineirão" e prometer vingança. Agora são 7 minutos. Osmar avança e João Leite grita desesperado: "Volta, pelo amor de Deus!" A bola é lançada para Nunes e João Leite abandona o gol berrando para assustar o atacante. Esforço inútil: Nunes toca para as redes e sai gritando um palavrão. Agora é o Galo que ataca e, num chute de Reinaldo, empata o jogo. É a vez de Carpegiani se desesperar:

— Onde está a cobertura dessa merda?

Júnior balança a cabeça. Raul incentiva e protesta:

— Aqui não tem homem? Isso não é gol que se tome. Vamos entrar firme, dar porrada. Cadê os homens?

Corre a partida. Chicão manda pôr na roda, Chicão pega Zico, que reage:

— Olha aqui, se me pegar de novo eu te quebro. Vai pra ...

Chicão coloca o dedo na cara de Zico:

— Sossega, guri.

O Fla está acuado. Quarenta minutos. Nunes pega Luizinho — o zagueiro será substituído no segundo tempo por causa dessa entrada na perna. Falta de Valença em Tita. Chicão chama Valença para a área, enquanto Osmar pede a atenção de Cerezo na marcação de Zico. Mas o Galinho aparece só na área e, de virada, faz 2 x 1.

Começa o segundo tempo e Osmar acena para o banco, sai. Aos 16 minutos, Raul pega uma bola nos pés de Palhinha, que toca de leve com a bola na cabeça do goleiro:

— O juiz tá prejudicando a gente. Segura o teu pessoal senão o jogo mela.

Raul:

— Isso é guerra. Adoro você mas não entro nessa catimba.

Outro gol de Reinaldo — machucado, capenga, ele empata o jogo. Instala-se uma crise na defesa do Flamengo. Um xinga o outro, Zico grita:

— Agora vamos ganhar. Quero um time de macho. Nesta porra mando eu.

O time avança. Zico grita com Júlio César para marcar, ordena que Adílio seja mais rápido. Reinaldo cai em campo — sente o músculo, faz cera, xinga a mãe do juiz.

José de Assis Aragão revida:

— Quebro a cara desse moleque. Tá expulso!

Do túnel, Reinaldo adverte:

— Cuidado, vai ser gol! Faz a falta em Nunes. Mata ele, Silvestre!

Nunes invade, Silvestre hesita. João Leite grita:

— Quebra ele, pega firme!

Gol de Nunes, o gol do título. Em seguida, Chicão é expulso. Palhinha, também:

— Tá satisfeito, seu juiz de merda? Você queria o Flamengo, não é mesmo?

Nunes ri:

— Calma, garotada, que agora é que a festa vai começar.

Zico emenda:

— Vai tomar seu banhinho lá dentro e deixa o campeão dar seu baile.

"'SOSSEGA, GURI.' É CHICÃO AMEAÇANDO ZICO. 'AQUI É MARACANÃ, TE DOU PORRADA'. É NUNES INTIMIDANDO ÉDER. ASSIM FOI A DECISÃO, LÁ DENTRO"

1/6/80 **MARACANÃ (RIO)**
FLAMENGO 3 X 2 ATLÉTICO-MG
J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cr$ 19 726 210,00; **P:** 154 355; **G:** Nunes 7, Reinaldo 8 e Zico 44 do 1º; Reinaldo 21 e Nunes 37 do 2º; **E:** Reinaldo, Chicão e Palhinha
FLAMENGO: Raul, Toninho, Manguito, Marinho e Júnior; Andrade, Carpegiani (Adílio) e Zico; Tita, Nunes e Júlio César (Carlos Alberto). **T:** Cláudio Coutinho
ATLÉTICO-MG: João Leite, Orlando (Silvestre). Osmar, Luisinho (Geraldo) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder. **T:** Procópio Cardoso

Nunes comemora: "Calma, agora é que a festa vai começar"

O MESMO ÊNIO ANDRADE que deu o título nacional ao Inter em 1979 agora oferecia sua primeira conquista nacional ao outro grande de Porto Alegre. O São Paulo provava o veneno que impôs ao Atlético-MG em 1977: perder a final em casa, como favorito

DÁ-LHE, DÁ-LHE, DÁ-LHE GRÊMIO

Canta, gremista, teu canto de amor e de guerra. Canta que teu time é o grande campeão. Um campeão feito à tua imagem, atrevido, alegre, valente, e, sobretudo, apaixonado

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

O louro Odair, miúdo e arisco, continua a viver um conto de fadas. Flutua nas nuvens desde 79 quando, juvenil, participou de alguns jogos do campeonato Gaúcho. Foi campeão. Em 80, efetivado na ponta-esquerda, ajudou a conquistar o bi. Alguns meses depois, mais arisco que nunca, é campeão brasileiro. Com um detalhe inesquecível para um garoto que nem chegou aos 20 anos: "Sabe, levei uma porrada do Oscar, um cara de Seleção! Nem senti dor. Foi até um prazer saber que um cobrão teve que apelar para parar o meu futebol..."

Palavras puras, próprias de quem acaba de suar uma decisão. Mais do que a conquista, os heróis do Grêmio lavaram a alma da aparente humilhação amargada nos últimos dias, quando imprensa e boa parte do público os consideraram time de segunda classe. Ao menos em relação à "seleção" do outro tricolor, o São Paulo. Daí, a análise do uruguaio De León, que desembarcou em Porto Alegre, janeiro passado, prometendo o título brasileiro:

— Foi como no Mundialito. Lá, o Uruguai teve de enfrentar um Brasil cheio de estrelas, e tivemos de nos transformar em algo mais que atletas. Fomos humildade e dedicação. Fomos campeões. Para alguns, com poucos méritos técnicos, mas quem pode negar nossa garra? Sabe, o melhor time é o time campeão, e o Grêmio é isso. Há duas coisas que um time campeão precisa ter: jogadores-homens e homens-jogadores.

O tiziu Paulo Isidoro destilava, ao lado, seu sabor de vingança: "Todo mundo sabe que decisão é 90 minutos. Todo mundo, menos o São Paulo de hoje." Vílson Tadei, o armador que os paulistas desprezaram, exultava. "O São Paulo sempre achou que ganharia quando bem quisesse, mas isso não existe", dizia, ele que foi dispensado sumariamente pelo técnico Carlos Alberto, em início de 80.

Vingança, embora de outro tipo, curtiu o artilheiro Baltazar. Após o pênalti perdido na quinta-feira no Olímpico, ele sentenciou:

— Deus deve estar reservando algo melhor para mim.

Proféticas palavras. Seu arremate da meia-lua, matando no peito e fuzilando no ângulo antes da queda da bola, decretou o placar final. Ao entrar no vestiário, trocou um emocionado abraço com o ponta-direita Tarciso. Que explicava:

— O Baltazar foi malhado porque não vinha em boa fase. Mas mostrou, hoje, que é um grande centroavante.

Grande como a torcida que compareceu bravamente ao Morumbi. Eram 3 mil vozes ecoando mais que os 90 mil são-paulinos calados. Por quê?

— Sentimos as decisões consecutivas. Os jogadores deram tudo nos jogos anteriores, explicava o desolado técnico Carlos Alberto Silva.

O Grêmio, que sentiu tudo isso e muito mais, é um grande campeão. Especialmente porque teve alma na decisão.

"MAIS DO QUE A CONQUISTA, OS HERÓIS DO GRÊMIO LAVARAM A ALMA. A IMPRENSA E BOA PARTE DO PÚBLICO OS CONSIDERARAM TIME DE SEGUNDA CLASSE"

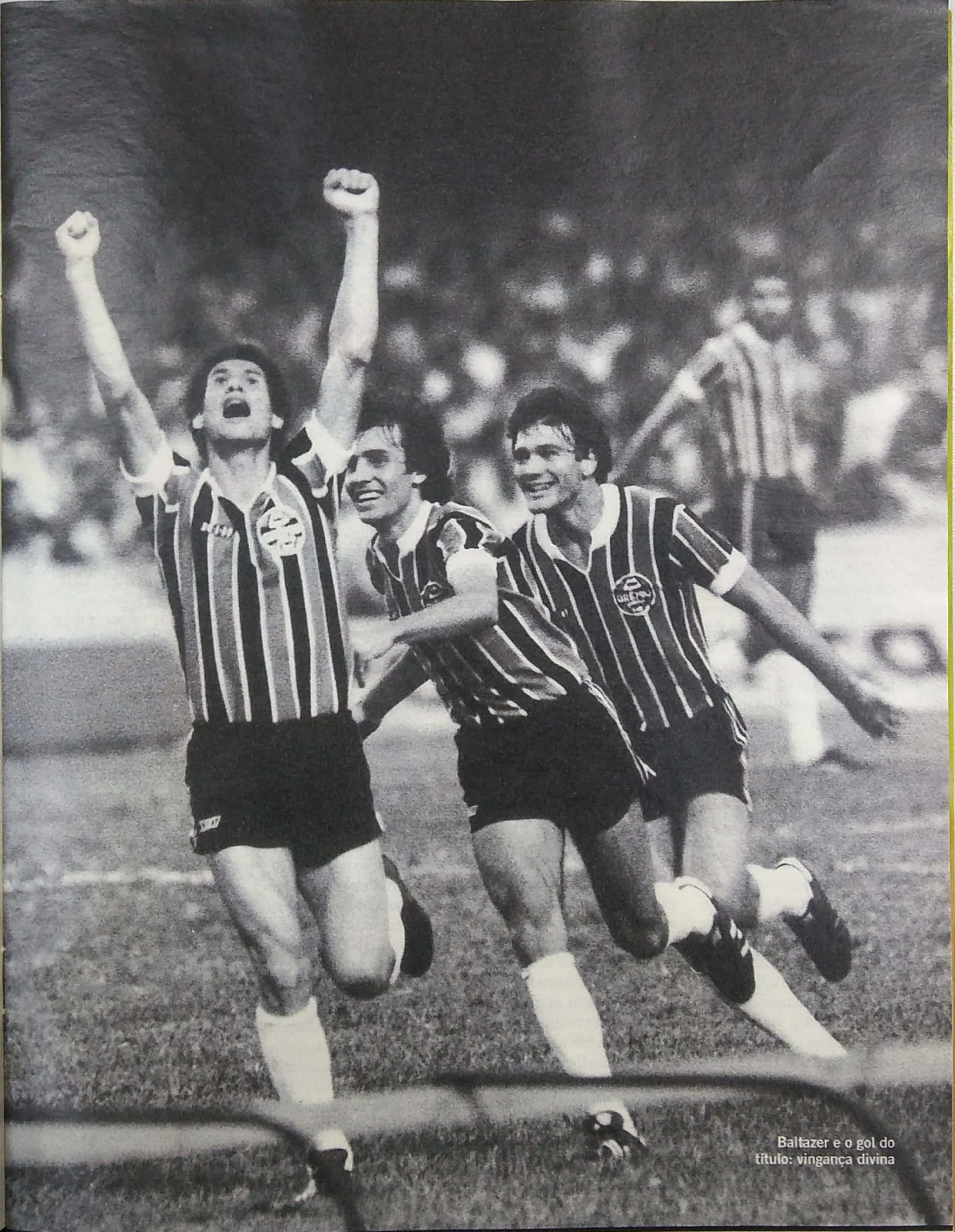
3/5/81 **Morumbi (São Paulo)**

SÃO PAULO 0 X 1 GREMIO

J: José Roberto Wright (RJ); **R:** Cr$ 33 819 400; **P:** 95 106; **G:** Baltazar 20 do 2.º; **CA:** Éverton, Dario Pereyra, China e Paulo César; **E:** Serginho 43 do 2º

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho, Élvio, Renato e Éverton (Assis); Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. **T:** João Leal Neto

GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Casemiro, China, Paulo Isidoro e Vílson Tadei (Jurandir, 37 da 2º); Tarciso, Baltazar e Odair (Renato Sá).
T: Ênio Andrade

MANOEL MOTTA

Baltazer e o gol do título: vingança divina

ERAM OS TEMPOS EM QUE o Campeonato Brasileiro se chamava Taça de Ouro. Mais uma vez o Flamengo estava na final e o bicampeonato rubro-negro só veio na terceira partida contra o Grêmio do jovem Renato Gaúcho

FLAMENGO, ESSE INSACIÁVEL CAMPEÃO

Jogou a seu estilo até marcar o gol do título. Depois defendeu para provar que faz tudo bem >> **POR DIVINO FONSECA**

Em 28 anos de história, o Estádio Olímpico tinha presenciado apenas duas festas de adversário — em 1978 e 1981, o Inter ganhou lá o título gaúcho. Domingo passado, não mais do que dois mil torcedores rubro-negros fizeram a terceira. Em Porto Alegre, desde o empate na segunda partida, na quarta-feira, e depois de passarem por toda espécie de dificuldades, eles viram o Flamengo confirmar a espantosa escrita iniciada em 1981: disputou caneco, ganhou.

No primeiro tempo, o Flamengo foi ousado. Depois de uns dois ou três minutos, Zico e sua turma perceberam que o Grêmio continuava respeitando o Flamengo (e convenhamos que tem que ter respeito, pois esse é o time mais traiçoeiro do mundo), movimentando-se com quatro no meio-campo: Batista, Vílson Tadei, Paulo Isidoro e Tonho— e recuando para perto de sua área quando perdia a bola. Aí Zico e sua turma partiram com tudo. Com tudo, não. Com a bola de pé em pé. Mais pela direita, com Leandro ajudando Lico, pois cá na esquerda Júnior experimentava uma parada ingrata— o menino Renato, 19 anos, corpo de zagueiro e velocidade de ponteiro, produzia um carnaval dos diabos quando pegava a bola.

Aos 10, quando já se divisavam alguns clarões na marcação tricolor, Zico avançou pelo meio, driblou Tadei, ameaçou virar para a esquerda e lançou o centroavante pela direita. Nunes correu ao lado de De León e fuzilou de pé direito, reto, no canto esquerdo. Era seu quinto gol na Taça de Ouro — pouco para um artilheiro —, mas um tinha que ser na decisão.

Passaram-se alguns minutos e Nunes perdeu a chance de ir além de sua promessa ao goleiro do Grêmio, depois de uma alucinante troca de passes.

Fosse outro o adversário, até pareceria curioso: o Grêmio, que largara atrás e precisava no mínimo empatar, às vezes partia em furiosos contra-ataques, mas deixava três na marcação de apenas um flamenguista.

O mais era a resistência à volúpia avassaladora do Grêmio, empurrado pela garra pampeana. E aí, jogando circunstancialmente como a maioria das equipes que o enfrentam, o Flamengo mostrou que também tem defesa. Protegido pelo magnífico Andrade, por Adílio, por Lico e por Vítor, que substituiu Nunes aos 32, os zagueiros com fama de limitados também brilhavam. Figueiredo era um monstro nas bolas altas. Marinho era intransponível por cima e por baixo. E, como acontece nessas ocasiões, a sorte também ajudou. Aos 10, formou-se na pequena área do Flamengo uma das maiores confusões já vistas em futebol — um tremendo bate-rebate que só foi salvo quando a bola já ia entrando.

Foi, então, o Flamengo total. Belíssimo, artístico, arrebatador, no primeiro tempo. Forte, heróico, intransponível, no segundo. Ao saírem em festa, para enfrentar os 1 538 km da volta, os rubro-negros recebiam a notícia de que o clube já contratara, por 300 mil dólares, o rápido e driblador ponta-direita (e esquerda) Alzamendi, do Independiente, da Argentina. Mas ali, naquele instante, eles estavam em delírio por um motivo mais especial: o Flamengo tinha conquistado o título de campeão brasileiro dentro do orgulhoso pampa. Aquilo tinha o sabor de amarrar o cavalo no obelisco.

"O GRÊMIO CONTINUAVA RESPEITANDO O FLAMENGO. E, CONVENHAMOS, QUE TEM QUE TER RESPEITO, POIS ESSE É O TIME MAIS TRAIÇOEIRO DO MUNDO"

25/4/82 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 0 X 1 FLAMENGO
J: Oscar Scolfaro (SP); **R:** CR$ 29 579 900; **P:** 62 256; **G:** Nunes 10 do 1º;
CA: Newmar, Tonho, Nunes e Lico
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Paulo César; Batista, Paulo Isidoro e Vílson Tadei; Renato, Baltazar (Paulinho) e Tonho (Odair). **T:** Ênio Andrade
FLAMENGO: Raul, Leandro (Antunes), Marinho, Figueiredo e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes (Vítor) e Lico.
T: Paulo César Carpegiani

Nunes ameaça Leão: o gol era uma certeza em dia de decisão

O FLAMENGO PERDEU O PRIMEIRO jogo decisivo, no Morumbi, por 2 x 1. Nem isso diminuiu a confiança da torcida, que proporcionou o maior público da história do Maracanã — e o tricampeonato

O SHOW DO MARACANÃ

O maior público já presente a uma final do Campeonato Brasileiro — 155 253 pagantes — viu domingo um espetáculo inesquecível: os 3 x 0 que deram o tri ao Flamengo

>> POR CELSO KINJÔ

Afogadas na imensidão rubro-negra do Maracanã, aquelas 10 mil vozes santistas entoavam um refrão de sonho, inclusive porque, entre seu canto e a viva realidade que as cercava, havia uma brutal diferença. Enquanto repetiam "Caiu na rede é peixe, ê-ê-ah/o Santos vai golear", bandeiras alvinegras estendidas sobre a grade das arquibancadas eram surrupiadas, por torcedores inimigos, postados na marquise inferior, onde se localiza o setor das cadeiras. Começava a ruir, às 14h47, o castelo que abrigaria um novamente majestoso Santos campeão do Brasil.

Se a batalha era desigual já nesses preparativos, o que se viu no campo foi atordoante. Uma densa preleção em que o técnico Formiga lembrou, acima de tudo, a necessidade de segurar o ímpeto adversário na quadra inicial da partida, transformar-se em pesadelo aos 40 segundos, quando Zico fez 1 x 0. "Muito cuidado com o 11", recomendara Formiga com insistência. Mas, no primeiro lance, Toninho Oliveira virou as costas para o arisco Júlio César, dessa forma oferecendo o caminho do gol.

A decisão — que mereceu o 11º volume de público registrado na história do Estádio Mário Filho, com exatos 155 253 pagantes, o maior em decisões do Campeonato Brasileiro — mudou de forma e conteúdo.

Pita trocava cotoveladas com o implacável Vítor e não articulava, nervoso que estava com a rígida marcação, um único lance ofensivo. Quando uma nesga de esperança surgira, Élder — ou podia ser Vítor, ou Leandro, ou Figueiredo — capturava a bola e esfumava o sonho santista. Quem sabe Dema fosse o homem capaz de operar o milagre, tirando os companheiros do sufoco e mostrando o caminho da luz? Quem sabe fosse Lino? Ou o pênalti sobre Pita, aos 22, quando Arnaldo César Coelho preferiu marcar tiro indireto?

Nada disso. Nesse diagnóstico dos porquês, necessário como exercício de autocrítica, há que destacar a soberba exibição da nação flamenguista. Isto é, os 11 jogadores no gramado, seus companheiros de banco e a massacrante legião que desempenhou no Maracanã, uma vez mais, o maior espetáculo de uma torcida na Terra. A cada balão que a massa das arquibancadas iluminava e fazia subir, um gol era perdido pelo ataque. Os hinos de guerra, gritados por 150 mil gargantas aquecidas, intimidavam o acuado visitante e não foi por outra razão que Toninho Silva derrubou Adílio junto à linha de fundo, aos 39, lance do qual resultaria o segundo gol, numa cabeçada de Leandro.

O Santos retomou para a etapa final necessitando de um gol para obrigar a uma prorrogação. Mas faltou-lhe o que sobrou ao Flamengo: raça para vencer e preciosas atuações de jogadores decisivos, diante das circunstâncias. Caso, por exemplo, do zagueiro Figueiredo, substituto de Mozer, que anulou o centroavante Serginho e cobriu com eficiência o lateral Leandro; caso, também, de Adílio, premiado com o terceiro gol, a um minuto do fim.

O Santos sucumbiu na grandiosidade do Flamengo tricampeão brasileiro. Ou como sentenciava o eufórico Marinho: "Não tem coisa pior do que enfrentar o Flamengo em decisão, aqui no Maracanã."

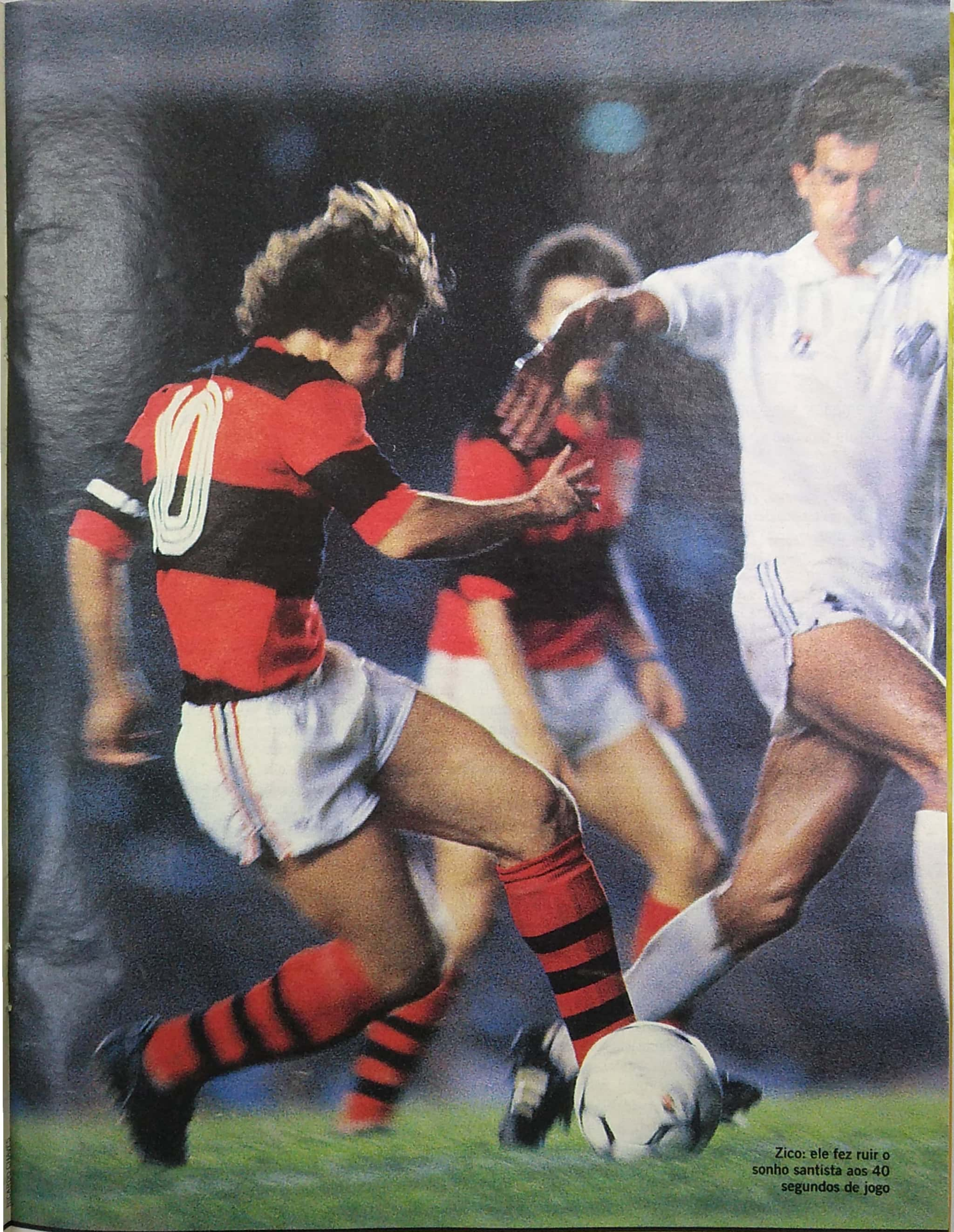
"OS 11 JOGADORES NO GRAMADO E A MASSACRANTE LEGIÃO DO MARACANÃ DESEMPENHARAM, UMA VEZ MAIS, O MAIOR ESPETÁCULO DE UMA TORCIDA NA TERRA"

29/5/83 **MARACANÃ (RIO)**

FLAMENGO 3 X 0 SANTOS

J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 168 700 000; **P:** 155 523; **G:** Zico 40 segundos e Leandro 39 do 1º; Adílio 44 do 2º; **CA:** João Paulo, Joãozinho, Figueiredo, Pita, Toninho Carlos e Marinho

FLAMENGO: Raul, Leandro, Marinho, Figueiredo e Júnior; Vítor, Adílio e Élder; Baltazar (Robertinho), Zico e Júlio César (Ademar). **T:** Carlos Alberto Torres

SANTOS: Marolla, Toninho Oliveira, Joãozinho, Toninho Carlos e Gilberto; Toninho Silva (Serginho II), Paulo Isidoro e Pita; Camargo (Paulinho Batistote), Serginho e João Paulo. **T:** Formiga

Zico: ele fez ruir o sonho santista aos 40 segundos de jogo

1984 FLUMINENSE 0 X 0 VASCO

O TÍTULO BRASILEIRO (desta vez chamado de Copa Brasil — a Copa do Brasil ainda não existia) continuava no Rio, mas agora com o Fluminense. O então campeão carioca derrotou o Vasco em mais uma decisão no Maracanã

E O BRASIL É TRICOLOR

Ao empatar sem gols com o Vasco, o Flu, que havia ganhado por 1 x 0 a primeira partida das finais, é o legítimo campeão do país

Quinze vitórias, nove empates e duas derrotas nas costas, o herói Assis saiu da Copa Brasil capengando pelo túnel do Maracanã, domingo passado. Numa das mãos ele carregava a faixa de campeão, com a outra ele alisava a perna inchada por causa de um pontapé do zagueiro Ivã. Mas um campeão não sente dor. O principal condutor do Fluminense na vitoriosa campanha entrou no vestiário, atirou-se nos braços de seu grande amigo, o centroavante Washington, e caiu no choro. Só se controlou quando as portas foram abertas e muitos dos 88 repórteres de rádio e televisão se aproximaram para ouvir suas palavras, invariavelmente tão criativas como o seu futebol ágil e matreiro. "Essa conquista foi do Parreira", disse ele.

"Olha que engraçado", riu Assis. "Nosso time começou a ser treinado pelo Cláudio Garcia, que, quando jogava, era um meia recuado. Depois entrou o Carbone, um cabeça-de-área, por último veio o Parreira, um ex-goleiro amador. Deveríamos ser os reis de saber jogar atrás, e somos mesmo. Só que também sabemos atacar com uma velocidade impressionante."

De fato, o Fluminense que amarrou o Vasco e entristeceu seu futebol alegre e cheio de toques, quinta-feira e domingo, nas partidas decisivas da Copa Brasil, foi um time que soube explorar todas as suas qualidades. Se no primeiro jogo o campeão surpreendeu o adversário, que era favorito com um esquema impecável na defesa e venenoso no ataque, vencendo com um gol do paraguaio Romerito e perdendo várias oportunidades, no segundo, domingo, seu trabalho foi não ser surpreendido e garantiu o empate por 0 x 0 que lhe deu o título.

Um esquema que reabilitou o técnico Carlos Alberto Parreira, que fora muito menos feliz na Seleção. Com a mão na taça, no vestiário do Maracanã, depois de soltar as mágoas numa crise de choro, Parreira agradecia os abraços e explicava à sua maneira o sucesso de uma equipe notável sobretudo pela capacidade de não tomar gols (o goleiro Paulo Vítor foi o menos vazado do campeonato, com dez gols em 18 jogos, numa média de 0,55 por partida). "Somos o time mais compacto na defesa e no ataque. Sem uma estrela, desequilibramos pela vontade, por jogar com o coração."

No outro extremo do país, o humorista gaúcho Luís Fernando Verissimo, colorado no sul, Botafogo no Rio, torceu para o campeão por outros motivos. "Acho que na verdade mais contra os baixinhos do Vasco do que pelo Fluminense. A derrota deles foi um bem para o futebol brasileiro. Não gosto desse jogo alegre do Edu", diz. Washington chorava abraçado a Assis. "Estou emocionado , por mim, pelo meu amigo Assis, que insistiu para eu vir para o Flu." Enquanto nas Laranjeiras os primeiros dos 3 mil torcedores caíam no chope liberado pela diretoria, os craques punham suas melhores roupas para a festa na casa noturna Scala, Washington e Assis, a dupla siamesa de área, saía do Maracanã com suas noivas curitibanas, também amigas inseparáveis — Anne Valéria, 16 anos, a futura senhora Assis, e Elaine de Sousa, 15 anos, a paixão de Washington. E a primeira coisa que ele fez como campeão foi raspar a barba. Era sua promessa para fazer o Brasil tricolor.

"PARREIRA EXPLICAVA O SUCESSO DE UMA EQUIPE NOTÁVEL, SOBRETUDO PELA CAPACIDADE DE NÃO LEVAR GOLS"

27/5/84 **MARACANÃ (RIO)**

FLUMINENSE 0 X 0 VASCO

J: Romualdo Arppi Filho (SP); **R:** Cr$ 638 160 000; **P:** 128 781; **CA:** Roberto, Romerito, Daniel González, Aldo, Mário e Jandir

FLUMINENSE: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Ricardo e Branco; Jandir, Delei e Assis; Romerito, Washington e Tato. **T:** Carlos Alberto Parreira

VASCO: Roberto Costa, Edevaldo, Ivan, Daniel González e Aírton; Pires, Mário e Arthurzinho; Jussiê (Marcelo), Roberto e Marquinho. **T:** Edu Antunes Coimbra

Washington e Assis, o Casal 20, cercam o Vasco.
Só podia dar mesmo levantamento de taça...

NA FINAL MAIS INUSITADA do Campeonato Brasileiro, o Coritiba, que eliminou o Atlético-MG nas semifinais, derrotou o surpreendente Bangu do bicheiro Castor de Andrade. A festa quase acabou em tragédia em Curitiba

A NOVA CAPITAL DO FUTEBOL BRASILEIRO

Curitiba foi à loucura para festejar um título inédito, o primeiro campeonato nacional ganho pelo futebol do Paraná. E a cidade fez um carnaval nunca visto

Algo que nem o mais lúbrico boêmio da afamada Boca Maldita poderia imaginar sacudiu a puritana Curitiba na tarde da última quinta-feira. A cidade esqueceu o pudor que caracteriza seus habitantes e, pela primeira vez em sua comportada história, descambou em um ensandecido carnaval. Danças, pulos, beijos e abraços explodiram em público numa inesquecível loucura. Dizem que Curitiba jamais será a mesma após a estonteante quinta-feira.

Do Aeroporto Afonso Pena até o centro da cidade, um fantástico corso de 18 km era animado por dois trios elétricos, que marcavam o momento culminante de seus sambas-enredos repetindo, até a exaustão nos alto-falantes, o gol de pênalti que trouxe a Taça de Ouro para a fria cidade. O inédito carnaval curitibano, de certa forma, serviu de contraponto para as mornas comemorações que marcaram a conquista do título na madrugada de quinta-feira no Maracanã. No Rio, cinegrafistas e fotógrafos comentavam a facilidade em fotografar no final da decisão, sem nenhum atropelo, a volta olímpica. Estafados pelas duas horas de densa batalha e contagiados pelo clima, os jogadores também se contiveram. No ônibus a caminho da Churrascaria Palace, silêncio total, quase de um time derrotado. E, no jantar, o único momento de emoção foi quando todos rezaram juntos, mãos dadas, o Padre-Nosso. Pareciam constrangidos, como um penetra que estraga uma grande festa. Esgotados, logo foram dormir.

Eles pareciam estar prevendo e guardando forças para a loucura que viria mais tarde com a celebração dos heróis, principalmente o goleiro Rafael e a revelação do campeonato, o jovem lateral Dida, já servindo à Seleção Brasileira de Juniores. Sentindo o clima e o ardor dos 5 mil fãs presentes ao Estádio Couto Pereira, muitos heróis arrepiaram carreira e desistiram da volta olímpica — só ousada por Tóbi e Lela, amparados por uma coragem algo alcoólica. Foi nesse momento que quase se repetiu parte da tragédia vivida em Bruxelas pela torcida da Juventus. O povão se comprimiu no alambrado, parte de um portão tombou, derrubando muita gente que ficou ameaçada de ser pisoteada. A coisa durou apenas cinco tensos minutos e causou algumas escoriações logo abafadas pelo tom de carnaval da cidade e pelos gritos de "Coxa, Coxa". Um esverdeado atleticano, doido de inveja, teorizava que o carnaval só acontecia porque, todos sabiam, seria a primeira e última vez que a cidade comemoraria a conquista de uma Taça de Ouro. Isso, no entanto, soava como mentira na colorida festa recheada de alegres polaquinhas de bochechas rosadas. Dizem até que, na fresta de uma escura janela, misterioso vampiro de Curitiba, personagem do escritor Dalton Trevisan, sorria alegremente.

"DANÇAS, PULOS, BEIJOS E ABRAÇOS EXPLODIRAM EM PÚBLICO NUMA INESQUECÍVEL LOUCURA. DIZEM QUE CURITIBA JAMAIS SERÁ A MESMA APÓS A ESTONTEANTE QUINTA-FEIRA"

31/7/85 **MARACANÃ (RIO)**

BANGU 1 X 1 CORITIBA

J: Romualdo Arppi Filho (SP); **R:** Cr$ 848 064 000; **P:** 91 527; **G:** Índio 25 e Lulinha 35 do 1º; **CA:** Mário, Gomes, Dida e Rafael
BANGU: Gilmar, Márcio, Jair, Oliveira e Baby; Israel, Lulinha (Gílson) e Mário; Marinho, João Cláudio (Pingo) e Ado. **T:** Moisés
CORITIBA: Rafael, André, Gomes, Heraldo e Dida; Almir (Vavá), Marildo (Marco Aurélio) e Tóbi; Lela, Índio e Édson. **T:** Ênio Andrade

Quem é que sóoobe? No Maracanã, quem subiu aos céus foi o penetra Coritiba

FOI UMA DAS FINAIS MAIS empolgantes da história do Campeonato Brasileiro. Depois de uma competição confusa, o São Paulo saiu do Brinco de Ouro com o título nos pênaltis

A MADRUGADA NASCE TRICOLOR

O São Paulo, campeão brasileiro, surgiu depois da meia-noite. E mostrou que, além de técnico, é muito valente

» POR ARI BORGES, BETISE ASSUMPÇÃO, NELSON URT E TONICO DUARTE

Havia quase 40 mil torcedores com o coração aos pulos no Estádio Brinco de Ouro, em Campinas, na madrugada da quinta-feira. Aquele momento, porém, foi de silêncio e solidão para dois homens. Nos pés do zagueiro Wágner estava a possibilidade de levar o São Paulo a seu segundo Brasileiro. Nas mãos do goleiro Sérgio Néri, a chance de empurrar o Guarani para uma outra série decisiva de pênaltis. Wágner parte e chuta. A bola percorre 11 metros de angústia e pousa mansinho no canto direito de Sérgio Néri. O mundo explode tricolor.

Impossível analisá-la friamente. A começar pelo marcador: São Paulo e Guarani ficaram no empate de 3 x 3. Aos 9 minutos as luzes eletrônicas do Brinco de Ouro já registravam 1 x 1. E logo de cara, o tricolor levou um baita susto. O jogo ainda não tinha chegado a seu segundo minuto quando Zé Mário cruzou a meia altura. A bola bateu em Nelsinho, que marcou contra. Aos 9 minutos dessa batalha, porém, o lateral-esquerdo do São Paulo seria acometido por um estranho desejo. "Quis dar um beijo na testa daquele negrão", confessou, referindo-se a Bernardo, que empatara de cabeça.

Os times partem para a prorrogação e a 1 minuto Pita coloca o São Paulo em vantagem. O coração tricolor bate acelerado. Aos 7 minutos, Marco Antônio Boiadeiro deixa tudo igual outra vez. A adrenalina percorre as coronárias bugrinas.

Começa a segunda etapa da prorrogação com o músculo cardíaco entrando veloz na madrugada. Wágner, do São Paulo, falha e João Paulo faz Guarani 3 x 2. O zagueiro, que tempos atrás adotou uma criança abandonada, tem pensamentos terríveis. "Pronto, azarei o trabalho de um ano", imagina. Esse segundo de pesadelo é cortado pela voz firme de Gilmar: "Dá a bola para Careca que ele resolve!"

Abençoado conselho. Nelsinho já começara a rezar quando Wágner deu um chutão para a frente. Faltava pouco mais de um minuto de fé e esperança tricolor. Pita escora de cabeça e Careca vem com sede, enfiando-se pelo meio da defesa do Guarani. O camisa 9 é apenas uma perna esquerda forte e firme. Lá vai o genial Careca empatar o jogo em 3 x 3 e levar a final para uma decisão por pênaltis. "Se for preciso, que vendam o Morumbi e dêem dinheiro para este cara ficar", agradece Wágner, com lágrimas nos olhos.

Careca é o primeiro a bater o pênalti. Ingrata, ela vai se aninhar nos braços do goleiro Sérgio Néri. O que aconteceu? "Bati mal", reconhece o autor de 25 gols no campeonato. A madrugada avança no Brinco, e os pênaltis já foram batidos. Jogadores de menor técnica, como Rômulo, Fonseca e Wágner, chutaram e converteram. Convém, entretanto, voltar no tempo. Dois seres humanos extremamente sozinhos em meio a 40 mil pessoas se entreolham. O camisa 1 debocha do negro da 3. "Você vai entregar o ouro novamente", desdenha Sérgio Néri. Wágner não responde, apenas parte para a bola. Aqueles 11 metros de tensão vão mudar a história. E gol. Caprichos da bola. Wágner faz parte agora do panteão dos heróis do São Paulo. Wágner Basílio emerge da solidão e observa a madrugada vir com seu manto vermelho, branco e preto. O São Paulo é, enfim, o novo campeão do Brasil!

"SÃO PAULO E GUARANI FICARAM NO EMPATE DE 3 X 3. MAS, PARA QUE SE TENHA UMA IDÉIA, AOS 9 MINUTOS DE JOGO AS LUZES ELETRÔNICAS DO BRINCO DE OURO JÁ REGISTRAVAM 1 X 1"

25/2/87 BRINCO DE OURO (CAMPINAS)

GUARANI 3 X 3 SÃO PAULO

J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cz$ 4 222 000; **P:** 37 370; **G:** Nelsinho (contra) 2 e Ricardo Rocha (contra) 9 do 1º; **Prorrogação:** Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1º; João Paulo 5 e Careca 14 do 2º; **CA:** Ricardo Rocha e Valdir Carioca; **E:** Vágner (Guarani)

GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo, Valdir Carioca e Zé Mário; Tite (Vágner), Tosin e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. **T:** Carlos Gainete

SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sídnei (Rômulo). **T:** Pepe

SÉRGIO BEREZOVSKY

Careca empata a final, um minuto antes do fim: alguém lembra de um gol tão emocionante?

APENAS 16 TIMES DISPUTARAM a Copa União, símbolo da ruptura entre a CBF e o recém-fundado Clube dos 13. O título ficou com o Flamengo, que recusou um cruzamento com os times do Módulo Amarelo. Para os 13, o melhor havia sido escolhido ali

QUATRO VEZES FLAMENGO

Com um golaço de Bebeto, o heroísmo de Zico, as travessuras de Renato e a categoria do time todo, o rubro-negro conquista o tetra

>> POR DIVINO FONSECA*

*Colaboraram Geraldo Mainenti, Alfredo Ogawa, Milton Costa Carvalho e Carlos Orletti

Mal o juiz apitou o fim do jogo, Zico saltou do túnel, de onde torcera os últimos minutos depois de ter sido substituído, e abriu um sorriso. Saiu então a abraçar todos, como fosse um adolescente que havia conquistado o seu primeiro título.

Zico, o melhor jogador da história do Flamengo não foi o mais brilhante da vitória de 1 x 0 sobre o Inter. A exemplo das outras três decisivas partidas da competição, ele não era o pulmão, e sim cérebro e olhos da equipe. A torcida saiu, sim, indiferente à chuva que desde cedo tentou enfeiar a festa — como se isso fosse possível num dia em que o Flamengo decide o título.

Reza a supertição que, quando o urubu lançado pela torcida cai em mãos do inimigo, o título vai para o espaço. Foi assim em 1983, no Fla-Flu decisivo do Carioca. O bicho aterrissou nas mãos do lateral-direito Aldo e deu Fluminense. No ano seguinte, outro Fla-Flu que valia caneco, e o bicho acabou sendo abatido pela torcida tricolor: Flu bicampeão. Domingo, porém, quando o urubu pousou perto de Taffarel, no início do jogo, quem o recolheu? O materialista Renato.

Não foi por aí, porém, que o dono da festa impôs seu futebol. "Jogamos num estilo alegre, bem brasileiro", saboreava o técnico Carlinhos. Sempre com a bola no chão, movimentação e passes consistentes, sem pressa, mas rápido, o Flamengo tratou de ir prensando o Inter contra a sua área. Até sair o gol urubu. "Ainda não entendi", reclamava Taffarel, no final. "Fui certo de que abafaria aquela bola. De repente, surgiu o pé do Bebeto."

"Pensei que passaríamos trabalho no segundo tempo", rememorava Zico. "Só que a reação do Inter não nos assustou." Por quê? Porque o time gaúcho não tinha força suficiente — e essa é quase que sua única arma — e também porque o Flamengo não desmentiu Ênio Andrade. O técnico colorado, consciente de que treina um time limitado, elogiava o de Carlinhos pela seriedade com que passou a marcar a partir do segundo turno.

Bebeto, esse era a imagem da emoção — e agora as lágrimas que lhe valeram o apelido de "chorão" tinham razão de ser. "Dedico o gol e o título à Denise, minha mulher", soluçava ele, segurando a prosaica calculadora que ganhara de uma rádio como prêmio.

O mesmo fez o garoto Leonardo, que, também em prantos, balbuciava: "Quando eu deixei os juniores e estreei, na abertura da Copa União, a torcida mal sabia o meu nome." O contraste absoluto estava nas palavras do grande Leandro, que até poderiam soar um tanto cruéis. Segundo ele, certos jogadores do Inter sentiram demasiado o berro do Maracanã. "Não vou citar nomes, mas alguns tremeram. Pareciam petrificados", dizia. Não era crueldade. No silencioso vestiário colorado, dois jogadores, Norberto e Luís Carlos, confirmavam essa constatação. "Faltou personalidade a alguns, e nem vou alegar a pouca idade, pois o cara deve ser macho desde guri", desabafava o capitão Luís Carlos.

Não, Zico não foi o mais brilhante. Mas foi cérebro e olhos. Um capitão. Um indispensável condutor de craques. Aos 34 anos, o herói de sempre. No fim, a primeira Copa União foi parar nas mãos do último gênio. Terá sido por acaso?

"SEGUNDO LEANDRO, CERTOS JOGADORES DO INTER SENTIRAM DEMASIADO O BERRO DO MARACANÃ. 'NÃO VOU CITAR NOMES, MAS ALGUNS DELES TREMERAM'"

SÉRGIO SADE

13/12/87 **MARACANÃ (RIO)**
FLAMENGO 1 X 0 INTERNACIONAL
J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cz$ 20 452 800; **P:** 91 034; **G:** Bebeto 16 do 1º; **CA:** Aluísio e Edinho
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton e Zico (Flávio); Renato, Bebeto e Zinho. **T:** Carlinhos
INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aluísio, Nenê e Paulo Roberto (Beto); Norberto, Luís Fernando e Balalo; Hêider (Manu), Amarildo e Brites. **T:** Ênio Andrade

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Renato pega o urubu e espanta a uruca. Zico, cérebro e olhos do Flamengo, prefere pegar a Taça

TINHA INÍCIO UMA CONFUSÃO histórica que levaria ao reconhecimento de dois campeões brasileiros. O Sport, que não tem nenhuma culpa na história, derrotou o Guarani e ficou com o título reconhecido pela CBF. Hoje, os dois rubro-negros são os legítimos campeões

QUE CAMPEÃO É ESSE?

A CBF acha que o Sport pode festejar o título brasileiro de 1987. O Flamengo diz que não

Como não se falou em outra coisa no dia 13 de dezembro passado, até quem não gosta de futebol sabe que, naquela tarde, o Flamengo se tornou o campeão brasileiro de 1987. Para a CBF, porém, o título tem outro dono: o Sport Recife, que domingo, na Ilha do Retiro, derrotou o Guarani de Campinas por 1 x 0.

O Sport, um dos mais tradicionais clubes nordestinos, mostrou todos os méritos nessa vitória e ao longo de sua boa campanha no chamado Módulo Amarelo, que foi no ano passado uma espécie de segunda divisão nacional não oficializada. Sua grande torcida — havia 26 282 pagantes no estádio — também só poderia ficar feliz com o resultado e vibrar ao ver o capitão Estevam levantando a taça, aquela mesma que o São Paulo ergueu há um ano, por coincidência contra o próprio Guarani.

O problema é que, na área dos fatos, tudo isso representa uma fantasia. Como foram legítimos campeão e vice da Copa União, Flamengo e Inter se recusaram a aceitar o cruzamento com os finalistas do Módulo Amarelo. E por isso, a CBF decidiu que o jogo de domingo passado seria a final do Brasileiro.

Em campo, os jogadores pareciam contaminados pelas incertezas que cercaram a melhor-de-três. Assim, só depois do gol do ex-zagueiro corintiano Marco Antônio — usando a cabeça numa cobrança de escanteio aos 19 minutos do segundo tempo — é que se notou maior disposição dos atletas. O gol decidiu o jogo e, por ironia, o ex(?)-eterno técnico vice-campeão Jair Picerni "ganhou" com ele seu primeiro título numa disputa que só tem valor para a CBF e os torcedores do Sport. "Graças a Deus, aconteceu", desabafou o treinador, indiferente a tudo.

Do seu lado, o treinador Carbone, do Guarani, mostrava que também levou a sério o embate. "Merecíamos um melhor-resultado", reclamou. "O juiz Luís Carlos Félix foi parcial. Segurou o Guarani no meio-campo. Não teve peito de enfrentar a torcida deles. Para o Sport, tudo era permitido. Para nós, nada."

Alheio às reclamações bugrinas, o fisicultor Geceraldo Siqueira evocava a histórica figura de Frei Caneca — fuzilado em 1824 devido à sua militância em favor da República — para reafirmar o triunfo do Leão da Ilha: "Pernambuco é a terra de nosso herói maior. Parece que se esqueceram disso. Não estamos fazendo questão de manchetes. Queremos apenas que nos respeitem e nos tratem com igualdade."

A chama regionalista também foi acesa pelo presidente do Sport, Homero Lacerda, para atacar o Clube dos 13. "Teremos nossos nomes na história como os pioneiros do Norte-Nordeste a conquistar um título brasileiro", acredita. "Sempre buscamos a verdade contra a pirataria do Clube dos 13. Hoje, temos o status de campeão e o que importa é a homologação dessa vitória pela CBF."

Será mesmo que não? A CBF deveria oficializar o Sport como campeão na segunda-feira, designando-o representante brasileiro na próxima Taça Libertadores de América, ao lado do Guarani. Entretanto, o Flamengo deverá entrar com um recurso junto ao CND para anular essa decisão. Segundo Manoel Tubino, presidente da entidade, a tendência é que esse recurso seja aceito.

"A CHAMA REGIONALISTA FOI ACESA POR HOMERO LACERDA, PRESIDENTE DO SPORT, PARA ATACAR O CLUBE DOS 13. 'TEREMOS NOSSOS NOMES NA HISTÓRIA'"

7/2/88 ILHA DO RETIRO (RECIFE)
SPORT 1 X 0 GUARANI
J: Luís Carlos Félix (RJ); **R:** Cz$ 4 905 000; **P:** 26 282; **G:** Marco Antônio 19 do 2°; **CA:** Paulo Isidoro, Ricardo e Catatau; **E:** Evair 45 do 1°
SPORT: Flávio, Betão, Estevam, Marco Antônio e Zé Carlos Macaé; Rogério, Ribamar (Augusto) e Zico; Robertinho, Nando e Neco. **T:** Jair Picerni
GUARANI: Sérgio Néri, Gil Baiano, Luciano, Ricardo e Albéris; Paulo Isidoro, Nei (Carlinhos) e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Mário), Evair e João Paulo. **T:** Carbone

BANCO DE IMAGENS / JC

Ribamar e João Paulo: o Leão anulou o Bugre

DESDE 1959, O BAHIA não alcançava um título nacional. A festa veio em fevereiro de 1989, quando, depois de eliminar o Fluminense nas semifinais, o time de Bobô e Paulo Rodrigues desbancou o Inter de Taffarel

BAHIA É CAMPEÃO, BAHIA É CARNAVAL

É a folia irresistível de um título com a cara do povo brasileiro. Sofrido, mas empolgante. Um futebol alegre e malicioso que, sob o comando de Bobô e Ronaldo, conquistou o país

>> POR DIVINO FONSECA

O Bahia campeão é o povo brasileiro. Que luta, sofre e até sangra. Que tem malandragem, ginga e malícia. Mas que, sobretudo, se exprime com talento, técnica e emoção. Mais que arrancar um empate em 0 x 0 com o Internacional dentro do Beira-Rio, o tricolor tirou a tarde de domingo para dar uma aula de disciplina tática, somada à sensacional virada de 2 x 1 na quarta-feira, para delírio da Fonte Nova. O passeio baiano pelo Sul garantiu o título e reeditou, 29 anos depois, a conquista da Taça Brasil de 1959. Estabeleceu também uma regra: este ano, o Carnaval não tem fim em Salvador.

Recomeçou no apito final do juiz, que ecoou na Praça Castro Alves e no Farol da Barra, a cerca de 3 090 km de Porto Alegre. Uma festa embalada ao som dos trios elétricos. Até quarta-feira é certo que o fricote corre solto pela Bahia.

A emoção maior ficou, porém, para os 800 privilegiados tricolores que puderam vibrar no Beira-Rio. Assistiram ao show durante os 90 minutos e engrossaram o coro dos próprios jogadores, quando o capitão Bobô levantou a taça: "É nossa, é nossa!" Líder e centro criativo da equipe, o meia Bobô explodiu em alegria. Ele planeja comemorar mesmo o título na quinta-feira com sua família em Senhor do Bonfim, distante 374 km de Salvador. Florisvaldo Tavares da Silva, "seu" Flori, como é conhecido o pai do ídolo, pôs de lado uma antiga paixão. "Sou torcedor do Vitória, mas tenho um filho campeão brasileiro", exultava.

Mas o Bahia não se resumiu a Bobô. Sua grande virtude foi ser uma equipe humilde. Aliou o talento e a velocidade do ataque à aplicação em todos os setores. Uma marca do técnico Evaristo de Macedo. "Não impus nenhum sistema de jogo", confessou depois da decisão. "Apenas aproveitei o potencial de cada jogador."

Numa final que envolveu o Bahia, o misticismo não poderia ficar de fora. Em Salvador, o folclórico pai-de-santo Lourinho ganhou evidência ao expor os bonecos colorados devidamente amarrados e espetados por agulhas. Se os 2 x 1 foram conseqüência do vodu, ninguém sabe. A preocupação com o sobrenatural — ou simples malandragem — chegou até os dirigentes colorados, que permitiram a colocação de sete galinhas pretas, diversas pernas de carneiro assadas, velas, erva-mate e outras quinquilharias no vestiário adversário. Na dúvida, o massagista Alemão tratou de retirar os despachos antes de o time entrar. "Imagine se chimarrão e pé de boi vão ganhar jogo", brincava depois da partida. "Eu sempre trago meu alho para fechar o time."

Fechado mesmo ficou o gol do Bahia, com a inesquecível atuação do goleiro Ronaldo. Depois de passar toda a fase classificatória na reserva de Sidmar, ele teve sua chance a partir das quartas-de-final. Acabou garantindo os empates decisivos contra Sport, Fluminense e Inter com defesas dignas de uma estátua na Fonte Nova. Depois de assegurar o Carnaval mais longo da história da Boa Terra, o tricolor está disposto a espalhá-lo por toda a América do Sul e, quem sabe, promover um inesquecível enterro dos ossos do outro lado do planeta, no Japão, na decisão do Mundial Interclubes. Com tanta ginga, talento e malícia, o povo brasileiro está legitimamente representado.

"O BAHIA NÃO SE RESUMIU A BOBÔ. SUA GRANDE VIRTUDE FOI SER UMA EQUIPE HUMILDE. ALIOU O TALENTO E A VELOCIDADE DO ATAQUE À APLICAÇÃO EM TODOS OS SETORES"

19/2/89 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 0 X 0 BAHIA
J: Dulcídio Wanderley Boschillia (SP); **R:** NCz$ 57 304; **P:** 79 598; **CA:** João Marcelo, Gil, Norberto e Edu
INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aguirregaray, Norton e Casemiro; Norberto, Luís Carlos Martins e Luís Fernando; Maurício (Hêider), Nilson e Edu (Diego Aguirre). **T:** Abel Braga
BAHIA: Ronaldo, Tarantini, João Marcelo, Claudir (Newmar) e Paulo Róbson; Paulo Rodrigues, Zé Carlos e Bobô (Osmar); Gil, Charles e Marquinhos. **T:** Evaristo de Macedo

ORLANDO KISSNER

Bobô disputa com Norberto, no Beira Rio: ali estava o centro criativo baiano

1989 SÃO PAULO 0 X 1 VASCO

O VASCO, DONO DA MELHOR campanha da primeira fase, tinha uma estranha opção na decisão contra o São Paulo: se escolhesse jogar a primeira partida fora de casa e ganhasse, seria campeão. Pagou para ver e saiu do Morumbi com a taça

SARAVASCO, GRANDE CAMPEÃO!

A superstição acabou falando mais alto que a incômoda fama que os comparava à Seleção Brasileira. De preto, e no campo do inimigo, a festa era certa

O maior medo do Vasco, na manhã de sábado, nem era o adversário, mas o próprio desentrosamento. Um mal que o atormentou durante todo o Brasileiro, como conseqüência direta da contratação de tantos craques às vésperas do campeonato. Por isso tratou de se cercar de todos os cuidados, até os menos racionais. Na segunda-feira anterior, por exemplo, a diretoria seguiu a vontade dos jogadores e marcou a primeira partida com o São Paulo para o Morumbi — afinal, além da vantagem estratégica, foi fora do Maracanã que a equipe teve as melhores atuações. E com a camisa preta. Logo, todos concluíram que era apropriado vesti-la na decisão. O goleiro Acácio também usou a amarelinha, reservada apenas para as grandes ocasiões. Tanta superstição valeu a pena! O time, que sofreu pelas comparações com a Seleção, confirmou no 1 x 0 seu destino de campeão.

Mas nem só das forças astrais viveu a Sele-Vasco. Ainda no hotel, o técnico Nelsinho tratou de alongar a costumeira preleção de 30 minutos para desenhar o exato caminho da conquista. "Não se pode bobear com a velocidade do Tilico", alertou. "Mazinho será o primeiro homem, depois vêm Quiñónez e Zé do Carmo." O cuidado matou a principal jogada de ataque tricolor. Aliando-o à escalação do incansável William no lugar do ponta Tato, estava pronta a armadilha.

De nada adiantou o são-paulino Carlos Alberto Silva assistir ao teipe de Vasco 2 x 0 Internacional e se prevenir contra as estocadas vascaínas. O treinador conteve no primeiro tempo o ímpeto ofensivo de seu time, sabendo dos perigos de dar espaço para as avançadas de Bismarck, Bebeto e cia. Uma sábia medida que deveria ter sido mantida para os 45 minutos restantes. Afinal, o São Paulo mal partiu para o ataque e sofreu o bem desenhado gol de Sorato. Talvez aí tenham pesado as coincidências — o tricolor foi campeão brasileiro em 1977 e 1986 fora do Morumbi e, nas duas vezes que decidiu em casa, em 1973 e em 1981, perdeu o título, para Palmeiras e Grêmio.

O vitorioso técnico Nelsinho merecia todas as homenagens. E foi justamente o bem orientado lateral Mazinho que tratou de levantá-lo nos ombros. "Nunca duvidei que pudéssemos ser campeões", retribuía o técnico.

O outro lateral, Luiz Carlos, festejava seu preciso lançamento para a área são-paulina. "Parece que eu previa que era essa a jogada", confessava. "Pois treinei-a durante toda a semana." Com ela, o jogador também mandava ao espaço o trauma de ter perdido os dois últimos Brasileiros com a camisa do Inter gaúcho. E essa bola predestinada tinha mesmo que encontrar a cabeça de Sorato. "Só tive uma oportunidade e a converti em gol", vangloriava-se o garoto que já havia salvado o Vasco em outras duas oportunidades no segundo turno.

Mas o mais incansável na busca dessa glória foi o zagueiro equatoriano Quiñónez, que assustou o habilidoso Bobô com sua gana de ser campeão. "Pensei que levaria mais tempo para me adaptar ao futebol brasileiro", surpreendia-se. Mas só o talento é capaz de superar esses obstáculos. Foi assim que os vascaínos chegaram ao título, com muita habilidade — e com muita, muita superstição. Saravá! Saravá, campeão!

"A DIRETORIA SEGUIU A VONTADE DOS JOGADORES E MARCOU A PRIMEIRA PARTIDA PARA SÃO PAULO. ERA FORA DO MARACANÃ QUE A EQUIPE JOGAVA MELHOR"

NÉLSON COELHO

16/12/89 MORUMBI (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 0 X 1 VASCO

J: Wilson Carlos dos Santos (RJ);
R: NCz$ 2 394 435; **P:** 71 552; **G:** Sorato 5 do 2º; **CA:** Luís Carlos Winck, Acácio e Zé do Carmo
SÃO PAULO: Gilmar, Netinho, Adílson, Ricardo e Nelsinho; Flávio, Bobô e Raí; Mário Tilico, Nei e Edivaldo (Paulo César).
T: Carlos Alberto Silva
VASCO: Acácio, Luís Carlos Winck, Quiñónez, Marco Aurélio e Mazinho; Zé do Carmo, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck; Sorato, Bebeto e William.
T: Nelsinho Rosa

ORLANDO KISSNER

A SeleVasco, que tantas críticas acumulou, e o gol de Sorato: festa longe de casa

O CORINTHIANS COMEÇAVA bem uma das décadas mais gloriosas de sua história, derrotando na decisão do Brasileiro o São Paulo, que ainda teria que esperar mais um ano pela consagração de Telê Santana

DEUS TUPÃ! DEU CORINTHIANS!

A divina festa alvinegra e a conquista do inédito Brasileiro

>> POR JUCA KFOURI

Havia um clima de magia no ar. Desde a noite da quinta-feira, 13, havia um clima de magia no ar. Magia negra. E branca. Branca e preta. Nem bem começou o primeiro jogo da decisão, Wilson Mano, o predestinado, fez, de joelho, que vale igual a um lindo gol de bicicleta, o tento que invertia a vantagem inimiga e dava ao Corinthians o direito de jogar pelo empate.

A noite era quente e a torcida corintiana fervia. Tomou conta de mais de 70% da casa do adversário e acuou o time tricolor. A noite era mágica. Tanto que não permitiu à única estrela do Timão, o meia Neto, marcar o segundo gol, embora ele tivesse três enormes chances para fazê-lo. Não, a noite tinha que ser de Mano, o curinga que, em 1988, errou um chute de fora da área e, assim, permitiu que Viola fizesse o gol do 20º título paulista do Corinthians, em Campinas, contra o Guarani. Pois Mano abria o caminho para o primeiro título brasileiro do clube.

Havia um clima de magia no ar. Terminado o jogo, a quente noite da quinta-feira se transformou. Relâmpagos cortaram o céu do Morumbi e, de trovão em trovão, a chuva torrencial desabou. Tupã, o deus da chuva, dava o ar de sua graça. A sexta-feira foi feia, cinzenta e quase fria na capital paulista. Assim mesmo os corintianos faziam filas intermináveis para ocupar a casa alheia no dia da decisão. O sábado não foi diferente.

Mas no domingo... No domingo havia um clima de magia no ar. O amanhecer foi ensolarado. São Paulo não era São Paulo. Era Corinthians. Com televisionamento direto e tudo, 85 mil corintianos tomaram o Morumbi, espremendo 15 mil tricolores em três gomos do estádio. No primeiro tempo o São Paulo dominou o jogo, mas não teve nenhuma chance de gol. O 0 x 0 era tudo que o Corinthians precisava. Mas era pouco. Aos 9 minutos do segundo tempo, a magia se materializou numa tabelinha histórica entre Tupãzinho e Fabinho, com direito a bola por baixo das pernas do zagueiro Ivan. O gol foi chorado como devem ser os gols inesquecíveis da nação corintiana. Tupãzinho encerrou 19 anos de abstinência nacional. Como na noite da quinta-feira, Tupã comandou um enlouquecedor espocar de rojões. Pela primeira vez, os representantes do Brasil na Libertadores serão os dois clubes mais populares do país, pois o Flamengo, campeão da Copa do Brasil, será o parceiro do Timão.

Com 32 pontos ganhos, ninguém somou mais que o time cujos segredos estão fora de campo: o moderno técnico Nelsinho e a antiga fiel torcida. Com o treinador, a equipe aprendeu a não dar um centímetro ao adversário e ganhou autoconfiança. Da massa, os jogadores souberam tirar a energia de que nem mesmo supercraques como Rivelino e Sócrates foram capazes para ganhar um Brasileiro. Aliás, nada mais parecido com a torcida do que esse time do Corinthians. A tal ponto que o novo deus Tupã era o anão do jogo, o mais baixinho, com seu miúdo 1,69 metro.

Agora é sonhar com Tóquio. É ganhar o mundo. Impossível prever o que poderá acontecer neste dia. Previsões, por sinal, só mais uma e a curto prazo: Marlene Matheus será a primeira presidenta de um grande clube de futebol. Só tinha que ser no Corinthians, o campeão brasileiro de 1990.

"NO DOMINGO HAVIA MAGIA NO AR. O AMANHECER FOI ENSOLARADO. SÃO PAULO NÃO ERA SÃO PAULO. ERA CORINTHIANS. 85 MIL CORINTIANOS TOMARAM O MORUMBI"

SILVIO PORTO

16/12/90 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 1 X 0 SÃO PAULO

J: Edmundo Lima Filho (SP); **R:** Cr$ 106 347 700; **P:** 100 858; **G:** Tupãzinho 9 do 2º; **CA:** Flávio, Márcio e Jacenir; **E:** Bernardo e Wilson Mano 15 do 2º

CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Márcio, Wilson Mano, Tupãzinho e Neto (Ezequiel); Fabinho e Mauro (Paulo Sérgio). **T:** Nelsinho Baptista

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ivan e Leonardo; Flávio, Bernardo e Raí (Marcelo); Mário Tilico (Zé Teodoro), Eliel e Elivélton. **T:** Telê Santana

JOÃO SANTOS

O gol do título em dois tempos: Fabinho chuta, a defesa salva e Tupã, em um sofrido carrinho, marca

O BRAGANTINO HAVIA SIDO campeão paulista com um técnico revelação — Wanderley Luxemburgo — e agora estava com Carlos Alberto Parreira. Mas o São Paulo, em sua terceira final consecutiva e com um esquadrão, não deixaria o título escapar

DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS!

O tricolor teve três chances seguidas para levantar o seu terceiro título nacional. Na última, não deixou que ele escapasse

O primeiro sinal de que, desta vez, o São Paulo entrava no Campeonato Brasileiro disposto a tudo para não morrer na praia como nos dois anos anteriores partiu do próprio Morumbi, e soava como uma ameaça aos demais times concorrentes. "Vamos chegar novamente. E vai ser para levar", avisava o goleiro Zetti, antes mesmo do início do campeonato.

Quando os adversários perceberam que nem ele nem seus companheiros estavam brincando, já era tarde. O São Paulo, que havia disputado as finais de 1989, contra o Vasco, e 1990, contra o Corinthians, chegava pela terceira vez seguida — um recorde na história do campeonato — à decisão do Brasileiro, agora contra o Bragantino.

"Nosso grande trunfo é justamente esse; chegar às finais todos os anos", valorizava o feito o volante Bernardo. Uma maneira inteligente de transformar em virtudes as derrotas nos anos anteriores. Ao contrário das outras vezes, porém, o tricolor não deixaria escapar esta terceira chance. Com Zé Teodoro e Ricardo Rocha reintegrados à equipe, mais Antônio Carlos mostrando um futebol amadurecido e Müller de volta ao futebol brasileiro, chegar à final foi até mais fácil que em 1989 e 1990.

Em parte, também, graças às jogadas arquitetadas pelo técnico Telê Santana e executadas com perfeição pelo lateral Leonardo. Nem mesmo o início capenga da campanha, com as derrotas consecutivas para Flamengo e Santos, abateu os tricolores. Todos sabiam que, no fim, o São Paulo chegaria lá outra vez.

À medida que a final se aproximava esta certeza passou a tomar conta também dos desesperados inimigos. O ex-são-paulino Bobô, por exemplo, ao ver seu Fluminense eliminado da decisão pelo valente Bragantino, não teve dúvidas em apontar um favorito. "O Braga é uma equipe arrumadinha, certinha, que joga um futebol moderno", elogiava. "Mas ainda aposto tudo no São Paulo."

O futuro lhe daria razão. No primeiro jogo, no Morumbi, o herói da noite foi Mário Tilico, que entrou no lugar de Elivélton para marcar o gol do título. Depois, bastaria um empate na casa do adversário para levar a taça, já que o Bragantino não abriu mão do direito de decidir tudo em seu campo, o Marcelo Stéfani, em Bragança. Isso fez com que apenas 12 492 pessoas pudessem assistir à decisão, o menor público até hoje em uma final de Campeonato Brasileiro. Só não foi o suficiente para tirar o 0 x 0 do marcador. A exemplo do que aconteceu na segunda partida contra o Atlético-MG, nas semifinais, era o que bastava ao São Paulo. Só que, agora, valia ainda mais: tinha o doce sabor de três títulos brasileiros.

"NEM MESMO O INÍCIO CAPENGA, COM DERROTAS SEGUIDAS, ABATEU OS TRICOLORES. TODOS SABIAM QUE, NO FIM, O SÃO PAULO CHEGARIA LÁ OUTRA VEZ"

9/6/91 MARCELO STÉFANI (BRAGANÇA PAULISTA)

BRAGANTINO 0 X 0 SÃO PAULO

J: José Roberto Wright (SP); **R:** Cr$ 64 650 000; **P:** 12 492; **CA:** Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Biro-Biro e João Santos

BRAGANTINO: Marcelo, Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Sílvio e Mazinho. **T:** Carlos Alberto Parreira

SÃO PAULO: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo, Cafu e Raí; Macedo e Müller (Flávio). **T:** Telê Santana

Zetti e Antônio Carlos com a taça: já estava mais do que na hora de levantá-la

1992 BOTAFOGO 2 X 2 FLAMENGO

A DECISÃO FOI EMPANADA por um acidente terrível, em que uma grade da arquibancada cedeu, matando torcedores do Flamengo. Nunca mais o Maracanã receberia um público tão grande. Um público digno de Flamengo campeão

OUVINDO A VOZ DO POVO

"Seremos campeões", profetizava a galera. Em campo, o Mengo não negou fogo

Houve momentos em que só mesmo a fanática torcida rubro-negra parecia acreditar que o título de 1992, a exemplo do que já acontecera em 1980, 1982, 1983 e 1987, tomaria o rumo da Gávea. Seria a consagração do Flamengo como o maior vencedor de Brasileiros, com cinco conquistas. A galera negara-se a enxergar as possíveis limitações de sua equipe. E insistia em profetizar em seus corinhos: "Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe Mengo/ Seremos campeões..."

Os motivos para tanta euforia, ao contrário do que costumava acontecer nos tempos em que Zico vestia a camisa 10, demoraram a aparecer. Quando terminou a fase classificatória, com os 20 clubes do campeonato se enfrentando, todos contra todos, em 19 rodadas, o saldo não era muito animador. As oito vitórias e seis empates, contra cinco derrotas, posicionavam a equipe em um modesto quarto lugar, atrás de Vasco, Botafogo e Bragantino.

Um período em que aconteceu de tudo, principalmente entre a sexta e a 11ª rodadas — tempos de derrotas seguidas para Cruzeiro (1 x 2), Santos (0 x 2), Bragantino (0 x 1) e Vasco (2 x 4), entremeadas por dois empates, contra Atlético Mineiro (1x1) e Náutico (0 x 0). Um verdadeiro inferno astral, do qual só os predestinados a ser campeões conseguem sair ilesos.

Foi a partir das semifinais que tudo começou a mudar. Peças fundamentais para que o correto esquema tático implantado pelo técnico Carlinhos desse certo começaram a se destacar. Quem estava em baixa — como o centroavante Gaúcho e os até então coadjuvantes Nélio e Zinho — subiu de produção. E quem já vinha se destacando, casos dos veteranos Júnior e Gilmar, tornou-se o ponto de equilíbrio para que o Mengão, afinal, se reencontrasse com as vitórias.

Já não havia motivo para duvidar da força rubro-negra na briga palmo a palmo com Vasco (até então líder absoluto durante todo o campeonato), São Paulo (tido como o melhor time do país durante todo o ano de 1992) e Santos (um time que, apesar das limitações, foi o único adversário a derrotar o rubro-negro duas vezes no Brasileiro). Fazendo-se valer da mítica capacidade de reação, o Mengo derrotou pelo menos uma vez todos eles. Na última rodada conquistou o direito de chegar a mais uma decisão de Brasileiro com um categórico 3 x 1 sobre o Santos. Enquanto isso, o rival Vasco, vítima humilhada com um empate e uma vitória rubro-negra em apenas quatro dias, dava uma mãozinha eliminando o São Paulo com um 3 x 0.

Mesmo quando só faltava o Botafogo e sabendo que a camisa rubro-negra jamais saíra de campo derrotada em decisão nacional, a maioria ainda preferia apostar que o Flamengo não chegaria lá. Só a torcida, na certeza do canto que dizia "seremos campeões", permanecia confiante. E se ainda restava alguma dúvida entre os próprios rubro-negros, ela acabou no primeiro jogo decisivo. O Botafogo, que se considerou melhor durante toda a competição, sucumbiu por 3 x 0, um show de Piá, Nélio e do onipresente Júnior. No jogo seguinte, quando o adversário precisava de três gols de diferença, o empate em 2 x 2 bastou. Foi uma festa que, para a profética e vencedora massa rubro-negra, estava longe de ser uma surpresa.

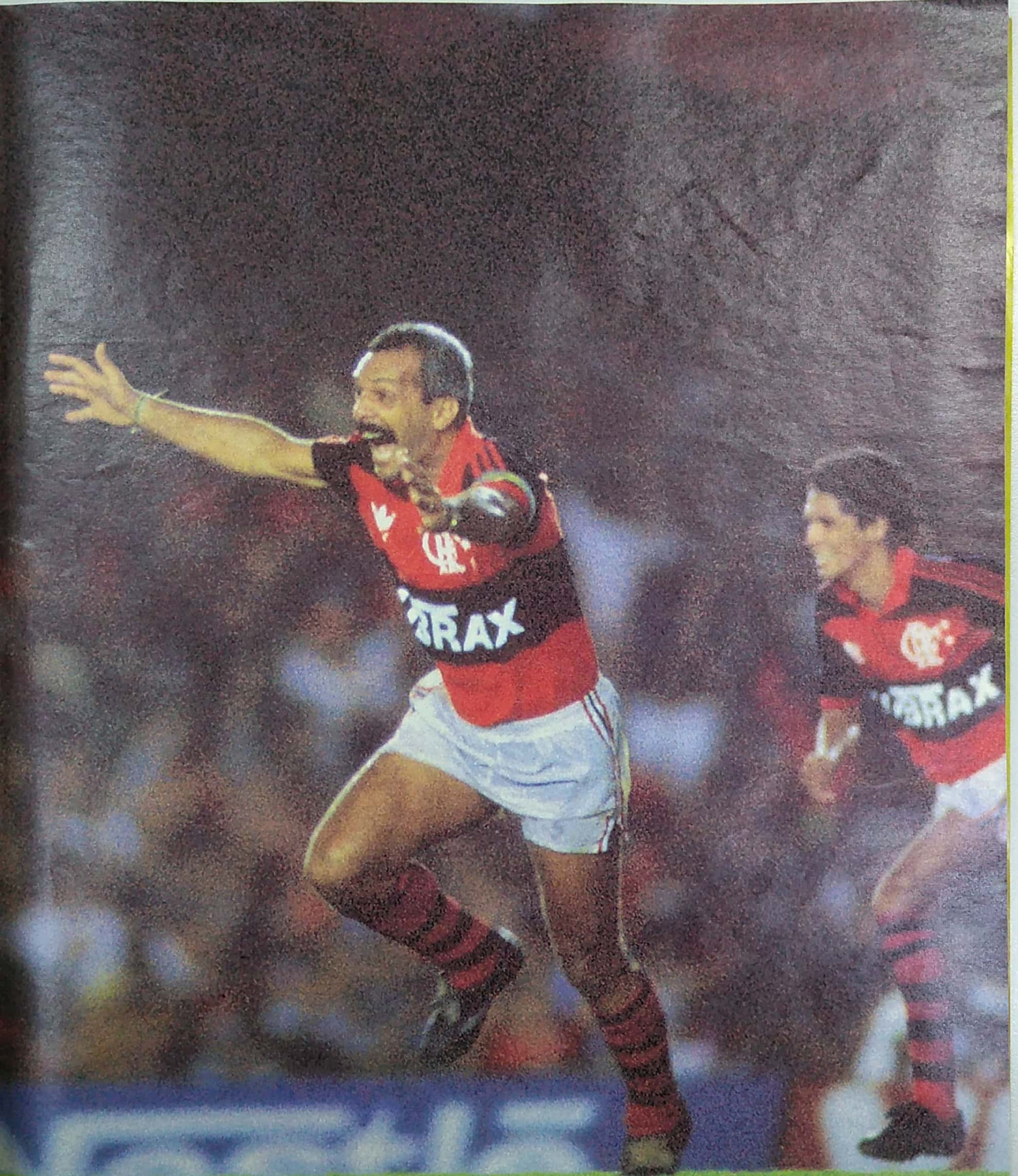
"FOI A PARTIR DAS SEMIFINAIS QUE TUDO COMEÇOU A MUDAR. PEÇAS FUNDAMENTAIS PARA QUE O ESQUEMA TÁTICO DO TÉCNICO CARLINHOS DESSE CERTO COMEÇARAM A SE DESTACAR"

19/7/92 **MARACANÃ (RIO)**

BOTAFOGO 2 X 2 FLAMENGO

J: José Roberto Wright (SP); **R:** Cr$ 1 854 863 000; **P:** 122 001; **G:** Júnior 42 do 1º; Júlio César 10, Pichetti 38 e Valdeir (pênalti) 43 do 2º; **CA:** Odemílson, Válber, Pingo, Valdeir e Gaúcho; **E:** Renê e Wilson Gottardo

BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Odemilson, Renê, Márcio Santos e Válber; Carlos Alberto Santos, Pingo e Carlos Alberto Dias; Vivinho (Jéferson Gaúcho), Chicão (Pichetti) e Valdeir. **T:** Gil

FLAMENGO: Gilmar, Charles, Gélson Baresi, Wilson Gottardo e Fabinho (Mauro); Uidemar, Júnior e Zinho; Júlio César, Gaúcho (Djalminha) e Piá. **T:** Carlinhos

Júnior, sempre onipresente, comemora: não dava mesmo para o Botafogo

O TIMAÇO QUE A PARMALAT montou para o Palmeiras começou a dar frutos naquele ano: campeão paulista, do Rio-São Paulo, e, no fim do ano, campeão brasileiro. Um ano inesquecível para quem ficou 16 anos na fila

AGORA, TÓQUIO

Com bom futebol e muita organização fora de campo, o Verdão papou o terceiro caneco do ano e promete vôos ainda mais altos em 1994. Como o Mundial Interclubes

Fim da decisão entre Palmeiras e Vitória, no Morumbi. Os jogadores do Verdão fazem a festa. Correndo de um lado para outro, trocam abraços, pulam e gritam. Afastado dos outros, o meio-campista Mazinho dá, solitário, uma volta olímpica particular. Gira sua camisa 8 na mão direita. A alegria de seu sorriso contrasta, com seus olhos lacrimejantes, enquanto grita insistentemente: "Se dependesse de minha felicidade, daria umas dez voltas seguidas pelo campo." Como ele, mais de 88 mil pessoas exibiam o mesmo riso largo e os olhos igualmente marejados de lágrimas em todas as dependências do estádio.

Pela primeira vez nos últimos 20 anos, os torcedores vestidos de verde e branco podiam gritar que seu time era o melhor do país. E todos desfilavam orgulhosamente, levando no peito uma faixa de tricampeão. Uniam o título de 1993 aos de 1972 e 1973, conquistados pelo esquadrão liderado pelo eterno Ademir da Guia. Para completar, espalhavam pelas ruas da cidade de São Paulo um novo grito de guerra. "Festa no chiqueiro/É Paulistão, Rio-São Paulo e Brasileiro!", cantavam em coro os torcedores alviverdes, divertindo-se com os três títulos conquistados pelo time em 1993.

A euforia, àquela altura, permitia até alguns exageros. "Esse time é um zoológico", gritava um torcedor, explicando em seguida: "Só tem animal!" O time palmeirense é, de fato, de altíssima qualidade. Não foi à toa, portanto, o duplo triunfo contra o Vitória na decisão, quando venceu por 1 x 0 na Fonte Nova e confirmou o título com os 2 x 0 do Morumbi. Nem foi à toa também a equipe acabar como o melhor ataque da competição, com 40 gols em 22 partidas — média de 1,81 gol por jogo. "Isso é só o resultado de um bom trabalho, criado pelo Palmeiras e pela Parmalat", elogiava o meia Zinho, um dos líderes do elenco.

Mas, além de um belo elenco — talvez o mais forte do futebol brasileiro no final do ano passado —, o Verdão de 1993 foi um grupo que teve amor à camisa em doses generosas. Isso ficou nítido mais uma vez nos vestiários, após a conquista do título brasileiro, quando os titulares e reservas puxaram coros idênticos aos cantados nas arquibancadas. Não faltou sequer o tradicional banho de champanhe, outrora exclusividade são-paulina. "Pedi à diretoria para comprar a bebida", contava o zagueiro Antônio Carlos. Minutos antes, o zagueiro — pivô da maior crise da campanha por se envolver numa discussão com Edmundo — corria pelo campo abraçado com o antigo desafeto. "A briga não foi boa, mas serviu para unir o elenco", afirmava Antônio Carlos. "E foi um dos fatores primordiais para o título." Outra prova de união da equipe foi dada pelo centroavante Evair, que comemorou seu gol, o primeiro do triunfo sobre o Vitória, abraçado ao goleiro Sérgio. "Na hora da decisão, parece que a bola me procura", alegrava-se, aludindo também aos dois gols marcados na final do Paulista.

Outra repetição da final do Paulistão foi a utilização das meias brancas, recomendação do vidente Robério de Ogum, amigo do técnico Wanderley Luxemburgo. Sob a alegação de que elas trazem sorte, foram utilizadas nas finais tanto do Paulistão como do Rio-São Paulo e do Brasileirão.

"OUTRA REPETIÇÃO DA FINAL DO PAULISTÃO FOI A UTILIZAÇÃO DAS MEIAS BRANCAS, RECOMENDAÇÃO DO VIDENTE ROBÉRIO DE OGUM, AMIGO DE LUXEMBURGO"

19/12/93 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 2 X 0 VITÓRIA

J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** Cr$ 169 028 500; **P:** 88 644; **G:** Evair 4 e Edmundo 23 do 1º; **CA:** Gil Sergipano, Rodrigo, João Marcelo e Renato Martins; **E:** China 9 do 2º

PALMEIRAS: Sérgio, Gil Baiano, Antônio Carlos, Cléber (Tonhão) e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho, Zinho e Edílson; Edmundo e Evair (Sorato).
T: Wanderley Luxemburgo

VITÓRIA: Dida, Rodrigo, João Marcelo, China e Renato Martins; Gil Sergipano, Roberto Cavalo e Paulo Isidoro; Alex Alves, Claudinho e Giuliano (Fabinho) (Evandro).
T: Fito Neves

A festa de Sampaio, Mazinho, Edílson e Amaral; a força do matador Evair: os tempos de dor tinham acabado

TEM GOSTO MELHOR QUE CONQUISTAR o título brasileiro em cima do maior rival? Foi o que Palmeiras conseguiu em 1994. O inesquecível esquadrão alviverde (Antônio Carlos, César Sampaio, Zinho, Rivaldo, Edmundo e Evair) esmagou o Corinthians

A RECEITA DO CAMPEÃO: VITÓRIA DO PROFISSIONALISMO

Os melhores jogadores do país, um estrategista no banco de reservas, a diretoria (finalmente) unida em torno de um objetivo. O Palmeiras, que já tinha todos os ingredientes para ganhar o título, planejou e chegou lá

Como acontece sempre que a bola rola, o Campeonato pôs em campo a rivalidade e a paixão do futebol brasileiro e consagrou um grande campeão. O Palmeiras soube ganhar as partidas nos momentos decisivos, ultrapassando o surpreendente Guarani, tido como a melhor equipe da competição até enfrentar o Verdão. Mas, no ano do tetra mundial, o título ficou em boas mãos. Ninguém pode negar que o *vecchio Palestra* — um verdadeiro ninho de cobras — representa o supra-sumo do futebol canarinho, hoje concentrado em terras paulistas. Afinal, sete dos oito times de São Paulo na competição acabaram classificados entre os dez primeiros.

Quando o zagueiro Antônio Carlos entrou no gramado do Parque Antártica puxando a fila de jogadores para a estréia contra o Paraná, um rigoroso plano de ação já havia sido deflagrado. Cada detalhe do que aconteceria nos 127 dias seguintes fora pensado pela comissão técnica. E, na cabeça de cada integrante do elenco palmeirense, havia uma certeza: em 18 de dezembro, o Palmeiras estaria confirmando seu status de melhor time do país.

Até o término do primeiro turno da segunda fase, tudo seguia dentro do combinado, sem nenhuma grande surpresa. O Verdão venceu seu grupo nas duas primeiras etapas. Os problemas começaram no segundo turno, quando o time acumulou derrotas contra Guarani (0 x 1) e Fluminense (1 x 4).

O que impressionava no Verdão de 1994, no entanto, era o bom ambiente, apesar das críticas da torcida. "Tudo mudou este ano", testemunhou o lateral-esquerdo Roberto Carlos. "As brigas e confusões acabaram e o ambiente melhorou muito", completa. O único descontente era o técnico Luxemburgo. Pressionado pelos torcedores das numeradas do Parque Antártica, situadas exatamente atrás do banco de reservas, o técnico ameaçava deixar o clube tão logo o Campeonato acabasse — promessa que cumpriu. Mas, se nos tempos das brigas, o Verdão já havia se acostumado a ganhar tudo, a pacificação tornou as vitórias ainda mais fáceis. Assim, o Verdão contabilizou o maior número de pontos (46), o melhor ataque (58 gols) e o maior número de vitórias (20).

"No Brasileiro, chegamos a um estágio em que nenhum jogador faz falta", testemunha o zagueiro Antônio Carlos. "Temos aqui no clube reservas de alta qualidade e um padrão de jogo inigualável." A dificuldade será a manutenção desse mesmo padrão de jogo para a Taça Libertadores e a Copa do Brasil, as prioridades em 1995. "É óbvio que damos uma grande importância ao tricampeonato paulista, mas não vamos repetir o erro de 1994, quando tentamos ganhar o Estadual e perdemos a chance de levantar o Mundial", argumenta o vice-presidente de futebol Seraphim Del Grande.

O dirigente palmeirense já deu o primeiro passo para vencer o Mundial ao renunciar à candidatura pela presidência do clube , favorecendo a reeleição de Mustafá Contursi. Com a pacificação do elenco e dos cartolas, áreas tradicionalmente conturbadas no clube, o Parque Antártica sonha tornar-se a capital mundial da bola em 1995.

"NINGUÉM PODE NEGAR QUE O *VECCHIO PALESTRA* — UM VERDADEIRO NINHO DE COBRAS — REPRESENTA O SUPRA-SUMO DO FUTEBOL CANARINHO"

18/12/94 PACAEMBU (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 1 X 1 CORINTHIANS

J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** R$ 372 325; **P:** 35 217; **G:** Marques 3 do 1º e Rivaldo 36 do 2º; **CA:** Marcelinho, Ronaldo, Boiadeiro, César Sampaio, Branco, Gralak e Antônio Carlos; **E:** Branco e Zinho 7 e Luisinho 19 do 2º

PALMEIRAS: Velloso, Cláudio, Antônio Carlos, Cléber e Vágner; César Sampaio, Flávio Conceição (Amaral), Zinho e Rivaldo; Edmundo (Tonhão) e Evair. **T:** Wanderley Luxemburgo

CORINTHIANS: Ronaldo, Paulo Roberto, Henrique, Gralak e Branco; Marcelinho Paulista, Luisinho e Souza (Tupãzinho); Marcelinho, Viola e Marques. **T:** Jair Pereira

Antônio Carlos, Evair e companhia: seria difícil alguém outro ficar com a taça

1995 SANTOS 1 X 1 BOTAFOGO

FOI A MAIS POLÊMICA ARBITRAGEM em uma decisão de Brasileiro. Márcio Rezende de Freitas errou nos dois gols do jogo e ainda anulou um outro legítimo do Santos. Nada disso tira o mérito da excelente campanha botafoguense

BOTA EMOÇÃO NISSO!

A nostalgia rondou o Pacaembu. Botafogo e Santos, protagonistas do grande clássico dos anos 60, fizeram uma final de arrepiar, toda em preto e branco. Deu Fogão e deu Túlio.

>> POR SÉRGIO GARCIA

Túlio, a estrela solitária. O título brasileiro serviu para Túlio calar aqueles que o criticavam. "Ele é artilheiro, mas seu time nunca vence nada", diziam. O atacante vingou-se com gols decisivos nas duas partidas finais e na semifinal. Um jogador tão especial mereceu tratamento especial por parte da cartolagem e da comissão técnica, o que gerou protestos velados do grupo. Nem todos os treinamentos, por exemplo, eram freqüentados por Túlio. O título apagou as desavenças. Na final, dia 17 de dezembro, no Pacaembu, Túlio fugiu das próprias características. Deu carrinhos, fez faltas, ganhou cartão amarelo e caprichou nos chutões na defesa que garantiram o empate em 1 x 1. Depois do jogo, carregado e com a bola erguida ao céu, decretou: "Sou o deus da bola!" A seita botafoguense disse amém.

O ataque do xerife — Antes de levantar o troféu e anular o craque Giovanni nas partidas finais contra o Santos, o xerife Gottardo teve que sacar da arma. No começo do campeonato seu alvo era o atacante Túlio, que se tornara o vilão da história pelo individualismo e frieza diante do grupo. Gottardo reclamou com a comissão técnica que o atacante teria que ajudar na marcação. O duelo tinha seus personagens: de um lado, Gottardo e Sérgio Manoel; do outro, Túlio. Foi preciso a intervenção do presidente Carlos Augusto Montenegro, que após a derrota para o Bragantino, no início do campeonato, fez uma reunião e cobrou profissionalismo. A bronca deu certo: o atacante começou a marcar e, mesmo não se falando fora de campo, Gottardo, Sérgio Manoel e Túlio passaram a aturar-se. "Túlio e eu tínhamos um interesse comum: o campeonato", disse o zagueiro após erguer o troféu no Pacaembu, sem esconder a relação pouco amistosa com o artilheiro.

Desculpe, doutor — O departamento médico do Botafogo esteve pela hora da morte. Irritado com o presidente Montenegro, que convocou o fisioterapeuta do Flamengo, Nilton Petroni, o "Filé", para recuperar Túlio — que se contundira antes da semifinal —, o dr. Lídio Toledo pediu demissão. Um bate-papo entre comissão técnica e médicos fez com que tudo acabasse em pizza. Uma nova onda de ciúmes estava a caminho na contusão de Donizete antes da partida final. Novamente Montenegro apelou a Filé, que sempre pediu a Romário autorização para seus free-lancers. Ao saber que os médicos estavam chateados, Montenegro procurou o dr. Joaquim da Matta. "Doutor, você perdoa todas as burradas que o torcedor Montenegro fez?", perguntou. Após o sim, um beijo na testa do médico sepultou as divergências.

Pantera debochada — Em campo, Donizete zombou dos adversários com arrancadas fulminantes. Fora dele, os companheiros sofreram com as brincadeiras do jogador. Por causa do cabelo encaracolado, apelidou Gonçalves de "Cauby Peixoto". Mas nem tudo foi festa. No meio da competição, Donizete ficou enciumado por que os cartolas só falavam na contratação em definitivo de Leandro e Iranildo. Os dirigentes acalmaram o atacante com o argumento de que seu empréstimo iria até julho de 1996, enquanto o dos outros acabaria no fim do ano.

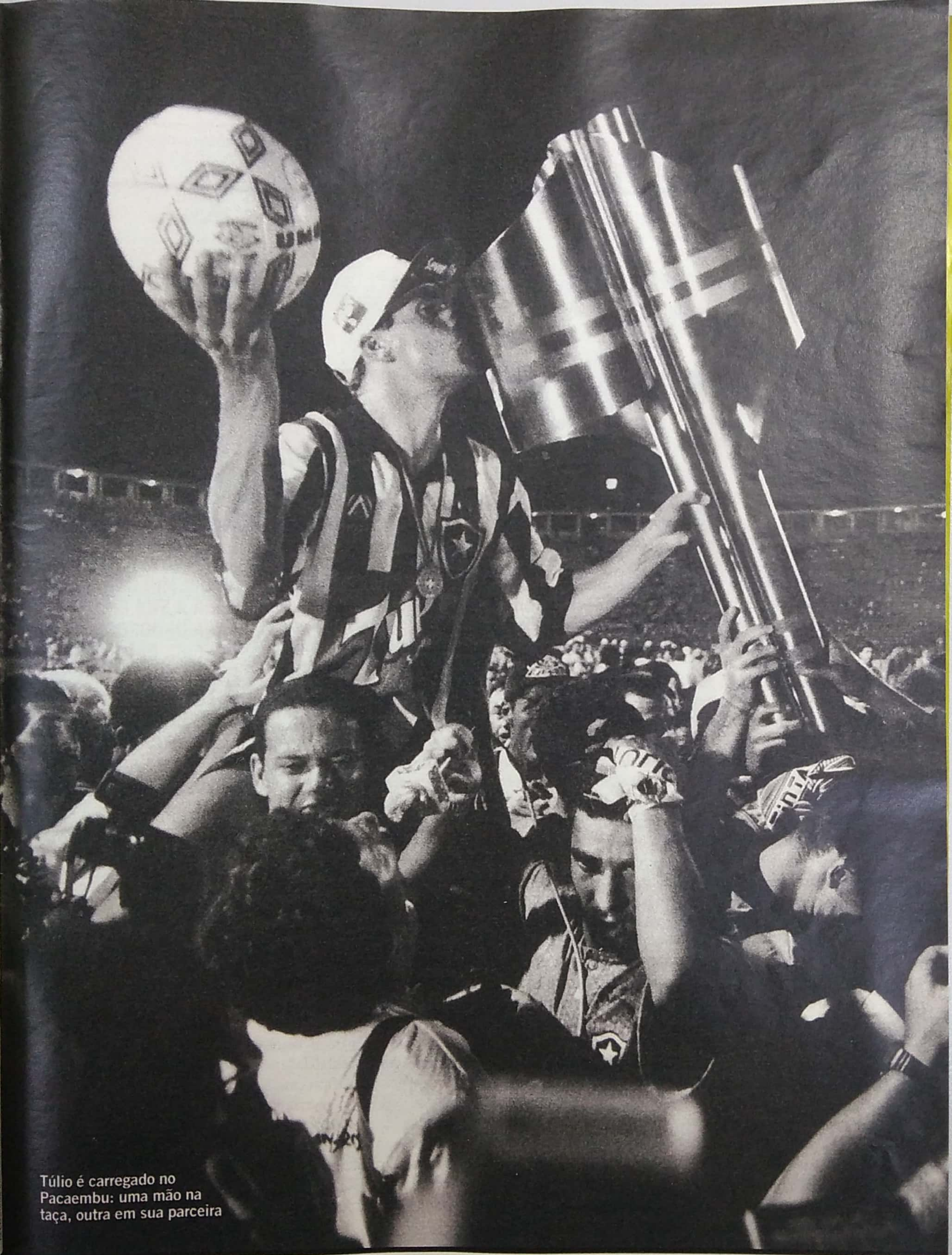
"GOTTARDO, SÉRGIO MANOEL E TÚLIO PASSARAM A ATURAR-SE. 'TÚLIO E EU TÍNHAMOS UM INTERESSE COMUM: O CAMPEONATO', DISSE O ZAGUEIRO"

17/12/95 PACAEMBU (SÃO PAULO)

SANTOS 1 X 1 BOTAFOGO

J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** R$ 697 520; **P:** 28 488; **G:** Túlio 24 do 1º; Marcelo Passos 1 do 2º; **CA:** Wilson Goiano, Túlio, Vágner, Narciso e Jamelli

SANTOS: Edinho, Marquinhos Capixaba, Ronaldo, Narciso e Marcos Adriano; Carlinhos, Marcelo Passos e Robert (Macedo); Jamelli, Giovanni e Camanducaia. **T:** Cabralzinho

BOTAFOGO: Vágner, Wilson Goiano, Gottardo, Gonçalves e André Silva (Moisés); Leandro, Jamir, Beto e Sérgio Manoel; Donizete e Túlio. **T:** Paulo Autuori

Túlio é carregado no Pacaembu: uma mão na taça, outra em sua parceira

A PORTUGUESA, ZEBRA conseguiria segurar a vantagem de um gol obtida no primeiro jogo decisivo, no Morumbi? O Grêmio "copeiro" de Luiz Felipe Scolari provaria que não

ATÉ A PÉ NÓS IREMOS

Time copeiro, equipe de guerreiros. Em meio a tantos chavões, o Grêmio papa mais um título e inicia a sua caminhada para a Libertadores 97

>> POR LÉO GERCHMANN E SÉRGIO XAVIER FILHO

O perfil retranqueiro esfarelou-se também em 1996, quando os tricolores acabaram o Campeonato Brasileiro com o ataque mais positivo (52 gols). Por trás das embalagens está um ex-becão de fazenda, com cara de tiozão e poucas papas na língua. Luiz Felipe Scolari, aos 39 anos, três à frente do Grêmio, inventou um estilo todo especial de comandar jogadores. A contradição é a sua marca e, por incrível que pareça, a sua maior virtude. Poucos técnicos são tão grosseiros em público com atletas. Ao mesmo tempo, Felipão é amigão dos boleiros. Tome-se, por exemplo, a apresentação do meia Aílton, em 25 de março do ano passado. "Bem, Aílton, falam por aí que sou isso e aquilo, que mando jogador meu bater no adversário. Quero combinar o seguinte contigo: vamos dar um mês para nos conhecermos", disse Luiz Felipe. De lá para cá, Felipão bateu e assoprou. Aílton foi titular, passou para a reserva, foi xingado pela torcida, mas jamais perdeu a confiança do técnico. Tanto que ele foi o jogador que mais partidas jogou no Brasileirão de 1996, além de ter marcado o gol na final contra a Lusa.

Do mesmo jeito que consegue essa complicada liga de amizade e autoridade, Felipão desenvolveu o tal "time copeiro". O fenômeno é mais ou menos assim: o Grêmio canaliza toda a sua energia para os jogos que precisa ganhar e relaxa quando está sossegado na tabela de classificação. É como se a equipe jogasse sempre para o gasto. Na reta final do Brasileiro, o time já estava com a classificação na mão e se deu ao luxo de perder quatro dos seus últimos cinco jogos. Contra o Palmeiras nas quartas-de-final, o time podia perder de 1 x 0. Perdeu de 1 x 0. Contra a Portuguesa, precisava ganhar de 2 x 0. Ganhou de 2 x 0. Sem show, sempre com eficiência.

Outra arma de Felipão é a estabilidade. Num futebol em que se troca de jogadores em velocidade supersônica, o Grêmio acreditou no conjunto. Em três anos, o time perdeu o meia Arílson e o artilheiro Jardel. Sem alternativas para o lugar de Jardel, o frangote parafinado do Flamengo, Paulo Nunes, foi testado. Surpresa. O ex-surfista de 1,74 m, que Felipão já havia transformado em atacante corajoso e objetivo, fez gol de cabeça, pé direito, pé esquerdo e até de bicicleta. "Aprendi a jogar diferente com o Felipe", reconhece Paulo Nunes, um dos goleadores do Brasileiro, com 16 gols.

Para completar a receita gremista, há a tal "garra gaúcha". O significado da expressão é "não existe bola perdida". Quando Dinho ou Rivarola partem para o lance, nem cogitam a possibilidade de serem driblados. É ficar com a bola ou derrubar o adversário. Nada tão diferente do futebol praticado em São Paulo, Recife, Itália ou Albânia. A diferença é que, se o jogo for decisivo, o Grêmio cumprirá essa missão o tempo todo.

"O GRÊMIO CANALIZA TODA A SUA ENERGIA PARA OS JOGOS QUE PRECISA GANHAR E RELAXA QUANDO ESTÁ SOSSEGADO NA TABELA DE CLASSIFICAÇÃO. É COMO SE A EQUIPE JOGASSE SEMPRE PARA O GASTO"

15/12/96 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 2 X 0 PORTUGUESA
J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** RS 502 151; **P:** 42 587; **G:** Paulo Nunes 3 do 1º; Aílton 39 do 2º; **CA:** Gallo, Flávio, Luiz Carlos Goiano e Dinho
GRÊMIO: Danrlei, Arce, Rivarola (Luciano), Mauro Galvão e Roger; Dinho (Aílton), Luiz Carlos Goiano, Emerson (Zé Afonso) e Carlos Miguel; Paulo Nunes e Zé Alcino. **T:** Luiz Felipe Scolari
PORTUGUESA: Clemer, Valmir, Emerson, César e Carlos Roberto (Flávio); Capitão, Gallo, Caio e Zé Roberto; Alex Alves e Rodrigo (Tico). **T:** Candinho

PISCO DEL GAISO

Aílton, o artilheiro das decisões, comemora e berra: "Eu sou f."

FOI O ANO DE EDMUNDO. O craque estava disposto a se reabilitar de seguidos insucessos e se reencontrou no clube de origem. Sorte do Vasco, que chegou ao tri brasileiro com dois empates nas finais contra o Palmeiras

O BACALHAU ARROMBOU A FESTA

No Campeonato que começou numa virada de mesa e terminou após uma pantomima jurídica, o Vasco bate o Palmeiras e se torna, com toda justiça, tricampeão brasileiro

>> POR SÉRGIO GARCIA E ROGÉRIO DAFLON

O Vasco ganhou o Brasileiro com dois empates e uma goleada de 6 x 1. Esse foi o marcador do julgamento que pemitiu a Edmundo participar da finalíssima.

O jogador havia tomado o terceiro cartão amarelo na primeira partida da decisão e, orientado pela comissão técnica, forçou a sua expulsão. O vermelho anulou o amarelo e permitiu que os advogados do Vasco conseguissem julgar o caso na Justiça Desportiva. Coube, então, ao Tribunal Especial da CBF armar a encenação. O coice que o Animal deu no palmeirense Cléber para ser expulso virou "passo de balé". Edmundo acabou multado em 120 reais, o suficiente para comprar 15 cuecas daquelas de que o Animal é garoto-propaganda. Edmundo foi a campo no dia 21 de dezembro num Maracanã lotado por 90 mil pagantes e ajudou a segurar o 0 x 0 do título. Assim o Brasileiro, que havia começado com a virada de mesa que garantiu a Fluminense e Bragantino a permanência na primeira divisão, terminou numa pantomima jurídica. E nem o Palmeiras pode posar de vítima. Na decisão de 1994, a equipe paulista havia se valido de meios semelhantes para escalar o zagueiro Antônio Carlos e o próprio Edmundo.

Mas nem mesmo todas as armações dos cartolas puderam estragar a festa dos jogadores e da torcida do Vasco. O tricampeonato brasileiro foi mais do que merecido. O time da Cruz de Malta sempre esteve nas primeiras colocações desde o início do Campeonato. Na segunda fase deu um verdadeiro passeio, triturando os patrícios paulistas (a Lusa) e os arqui-rivais cariocas (o Flamengo). No fim, ainda apresentou o ataque mais demolidor da competição — seus 69 gols quebraram o recorde de gols de um único Brasileiro que pertencia ao Guarani, com 63 gols em 1982.

Desde outubro de 1996 no comando da nau vascaína, a permanência de Antônio Lopes foi um dos segredos do sucesso da equipe. Ex-delegado de polícia, o treinador explica seu estilo morder-e-assoprar. "Existe jogador que deve ser tratado com beijinhos e outros tem que ser na porrada — no sentido figurado da palavra." Às vezes, nem tão figurado assim. "Fico com um pé atrás com técnico que manda bater, mas percebi que Lopes sabe armar um time e aproveitar as características de cada jogador", resume o ex-jogador Tostão.

O Vasco passou a mostrar o perfil de campeão após uma derrota. Com a surra de 5 x 1 para o River Plate, da Argentina, em setembro, pela Supercopa, o capitão Mauro Galvão explodiu. Era hora de conversar. Lopes reuniu o grupo e fez o papel de mediador do debate. Galvão soltou o verbo. "Não estamos sabendo jogar fora de casa, a gente se expõe demais, vai ao ataque de forma afobada. Assim não dá..."

Até então, o Vasco acumulara quatro derrotas fora de casa em seis jogos. "A partir da conversa, o time passou a se defender melhor e a jogar nos contra-ataques", lembra o volante Luisinho. Dali em diante, foram cinco vitórias e apenas uma derrota no campo do adversário em oito confrontos. O tricampeonato brasileiro também deu início a outra comemoração. Em 1998, o Vasco festeja seu centenário.

"O VASCO MOSTROU UM PERFIL DE CAMPEÃO APÓS A SURRA DE 5 X 1 PARA O RIVER PLATE, NA SUPERCOPA. O CAPITÃO MAURO GALVÃO EXPLODIU. ERA HORA DE CONVERSAR"

21/12/97 **MARACANÃ (RIO)**
VASCO 0 X 0 PALMEIRAS
J: Sidrack Marinho dos Santos (SE); **R:** R$ 1 300 000; **P:** 89 200; **CA:** Zinho, Carlos Germano e Edmundo
VASCO: Carlos Germano, Válber, Odvan, Mauro Galvão e Felipe; Luisinho, Nasa, Juninho Pernambucano (Pedrinho) e Ramón; Edmundo e Evair (Nélson). **T:** Antônio Lopes
PALMEIRAS: Velloso, Pimentel, Roque Júnior, Cléber e Júnior; Galeano (Marquinhos), Rogério, Alex (Oséas) e Zinho; Euller e Viola (Chris). **T:** Luiz Felipe Scolari

Edmundo, acossado por Cléber: artilheiro com 29 gols

FOI UMA VITÓRIA de ponta a ponta. O Corinthians quebrou a tradição (quem começa bem não costuma levantar o caneco) de ser time de largada e de chegada. Foi duro vencer na final o Cruzeiro em três jogos, mais difícil, porém, foi derrotar as próprias vaidades

TIMÃO BRIGADOR

Habituado a vencer com equipes aguerridas, o Corinthians monta um timaço com vários craques, supera suas picuinhas internas e fica com o bicampeonato

>> POR CHRISTIAN CARVALHO CRUZ

Psicologia, além das altas doses de bom futebol. Nunca o Corinthians foi tão pouco Corinthians. Classificar-se em primeiro lugar, liderar quase o campeonato inteiro, decidir em casa com a vantagem do empate. Tudo bem, houve emoções fortes, sim, principalmente quando o time levou sustos de Grêmio e Santos nos *play offs*. Mas a torcida dificilmente achará na história do clube um zagueiro tão técnico quanto Gamarra. Desde os tempos de Sócrates e Zenon não se via um meio de campo tão habilidoso. E não é sempre que se pode formar uma dupla de goleadores tão mortal quanto Marcelinho e Edílson... Um esquadrão. Talvez por isso, o desafio tenha sido administrar a fogueira das vaidades.

O celular voador

No começo do ano, na pré-temporada em Atibaia (interior de São Paulo), o técnico queria deixar claro que não toleraria certas coisas, entre elas o uso de telefone celular depois das preleções. O goleiro Ronaldo não desligou o seu aparelho e deu azar. Ele tocou dentro do ônibus, bem na hora em que o "professor" vinha subindo. Luxemburgo parou ao seu lado e, irritado, reclamou com o aparelho na mão: "Pô, Ronaldo! Eu acabei de pedir!" O celular voou por cima das poltronas e se espatifou lá no fundo.

Empurrão no chefe

Houve um churrasco no hotel em que o time estava concentrado. Lá pelas tantas, os zagueiros Célio Silva e Alexandre Lopes desapareceram da festa. Avisados pelo chefe da segurança Chicão, Luxemburgo e o supervisor Luiz Henrique de Menezes foram cobrar satisfações dos dois beques. Sobrou um empurrão de Alexandre Lopes para cima do "comandante" Luxemburgo e um apelo hilário de Menezes a Célio Silva: "Calma, meu garotinho, calma", suplicava ao zagueirão de 1,80 m e 80 kg. Dias depois, os dois beques estavam fora do clube.

O dedão do Chicão

O segurança Chicão talvez seja o mais fiel escudeiro de Luxemburgo no Corinthians. Em outubro, outra "dedurada" de Chicão fez Luxemburgo aplicar um gancho de dezoito dias em Marcelinho. Era véspera do clássico contra o São Paulo e a delegação corintiana se encontrava em um hotel paulistano. Perto das 10 da noite, o camisa 7 do Timão desce até o saguão. Na hora de subir para o quarto, Marcelinho teve a companhia de Chicão no elevador. Os dois discutiram feio, com o jogador vociferando que não era criança para ser vigiado. No almoço do dia seguinte, o técnico elevou a voz: "Você tem que entender que eu sou o comandante, e você, o meu comandado". Marcelinho também gritou, esmurrou a mesa, levantou-se com o prato e foi terminar de comer no quarto. Ainda ouviu o chefe berrar: "E você está fora do jogo!" Marcelinho passou a treinar sozinho e dividiu o grupo. Só se reintegrou com o apelo de Vampeta, Edílson, Rincón e Gamarra.

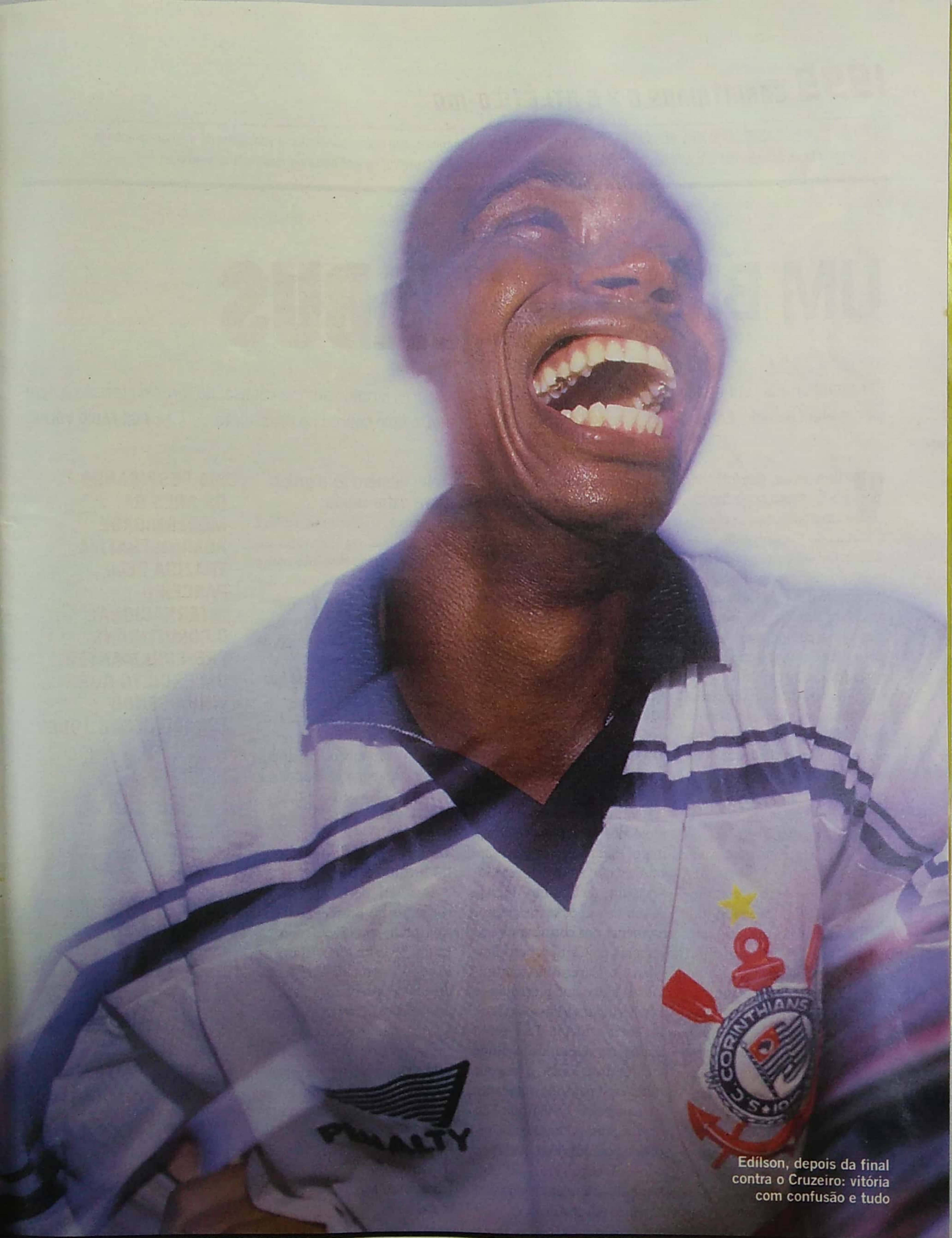
Além das picuinhas

Empurrões, bate-bocas, estrelismos, vaidades. Nada disso vai virar história quando se está falando de um bicampeonato. O que será lembrado daqui a alguns anos é que onze heróis vestiram a camisa preta e branca e entraram em campo para subjugar um outro timaço. E que o Corinthians foi, enfim, o melhor time do melhor Campeonato Brasileiro dos últimos tempos.

"DESDE O TEMPO DE ZENON E SÓCRATES NÃO SE VIA UM MEIO DE CAMPO TÃO HABILIDOSO. E NÃO É SEMPRE QUE SE ACHA UMA DUPLA DE GOLEADORES TÃO MORTAL QUANTO MARCELINHO E EDÍLSON"

23/12/98 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 2 X 0 CRUZEIRO

J: Carlos Eugênio Simon (RS); **P:** 57 230; **G:** Edílson 25 e Marcelinho 35 do 2º; **CA:** Batata, Rincón e Gustavo
CORINTHIANS: Nei, Índio, Batata (Cris), Gamarra e Silvinho; Vampeta (Amaral), Rincón e Marcelinho; Edílson e Mirandinha (Dinei). **T:** Wanderley Luxemburgo
CRUZEIRO: Dida, Gustavo (Alex Alves), Marcelo Djian, João Carlos e Gilberto; Valdir (Marcelo Ramos), Ricardinho (Caio), Djair e Valdo; Müller e Fábio Júnior. **T:** Levir Culpi

Edílson, depois da final contra o Cruzeiro: vitória com confusão e tudo

MAIS UMA VEZ OS PLAYOFFS foram favoráveis ao Corinthians, que soube aproveitar a vantagem da melhor campanha na primeira fase. A final contra o Atlético foi mais difícil do que aquela contra o Cruzeiro, no ano anterior, mas no final veio o bi

UM BICO NOS TABUS

Para ganhar mais um título, o Corinthians não precisou de jogadores jurando amor à camisa, da força da torcida e nem de um elenco unido. Enterrando esses e outros mitos do futebol, o time sobrou no Brasileirão

>> POR FABIO VOLPE

Velhos rivais, Corinthians e São Paulo se enfrentaram mais uma vez nas semifinais do Campeonato Brasileiro. De um lado, a crença na raça do time, no poder de superação dos jogadores com a ajuda da torcida. Do outro, a aposta na equipe mais habilidosa e com a vantagem do empate devido à melhor campanha. Mas havia uma diferença fundamental, que dava ares de ineditismo ao confronto: desta vez, era o São Paulo quem exaltava sua garra e os alvinegros quem contavam com sua superioridade técnica.

Essa situação singular resume bem a transformação pela qual passou o Corinthians este ano antes de chegar à conquista do bicampeonato nacional. Transformação que deixou seus torcedores felizes com os títulos paulista e brasileiro, mas também confusos, pois a equipe abandonou o histórico amadorismo que sempre reinou no clube. Os cabeças-de-bagre que viravam heróis suando sangue pelo time deram lugar aos reforços milionários da Hicks Muse. A união do elenco que superava suas deficiências foi substituída por um grupo de jogadores individualistas, mas talentosos. Foi assim, caminhando com os olhos bem abertos em busca da taça e com os ouvidos fechados às críticas ao seu novo estilo, que o Corinthians conquistou um inédito bicampeonato nacional, derrubando vários tabus do futebol brasileiro e da própria história do clube.

Tabu número 1: jogador que cobra salário não tem amor à camisa

Com as provocativas embaixadas diante do rival Palmeiras na final do Campeonato Paulista de 1999, o atacante Edílson virou definitivamente um ídolo dos torcedores. Alguns, mais exaltados, fizeram até camisetas com a imagem da estripulia. Entretanto, menos de um mês após se imortalizar na mente dos corintianos e às vésperas do Campeonato Brasileiro, o Capetinha comunicou ao clube que pretendia se transferir para o Vasco atrás de um salário maior. Teve gente graúda na diretoria do clube que precisou ceder e engolir muito sapo para que o atacante permanecesse no Parque São Jorge. Situação financeira resolvida e questão esquecida por todos os envolvidos, Edílson tratou de infernizar a vida dos zagueiros adversários.

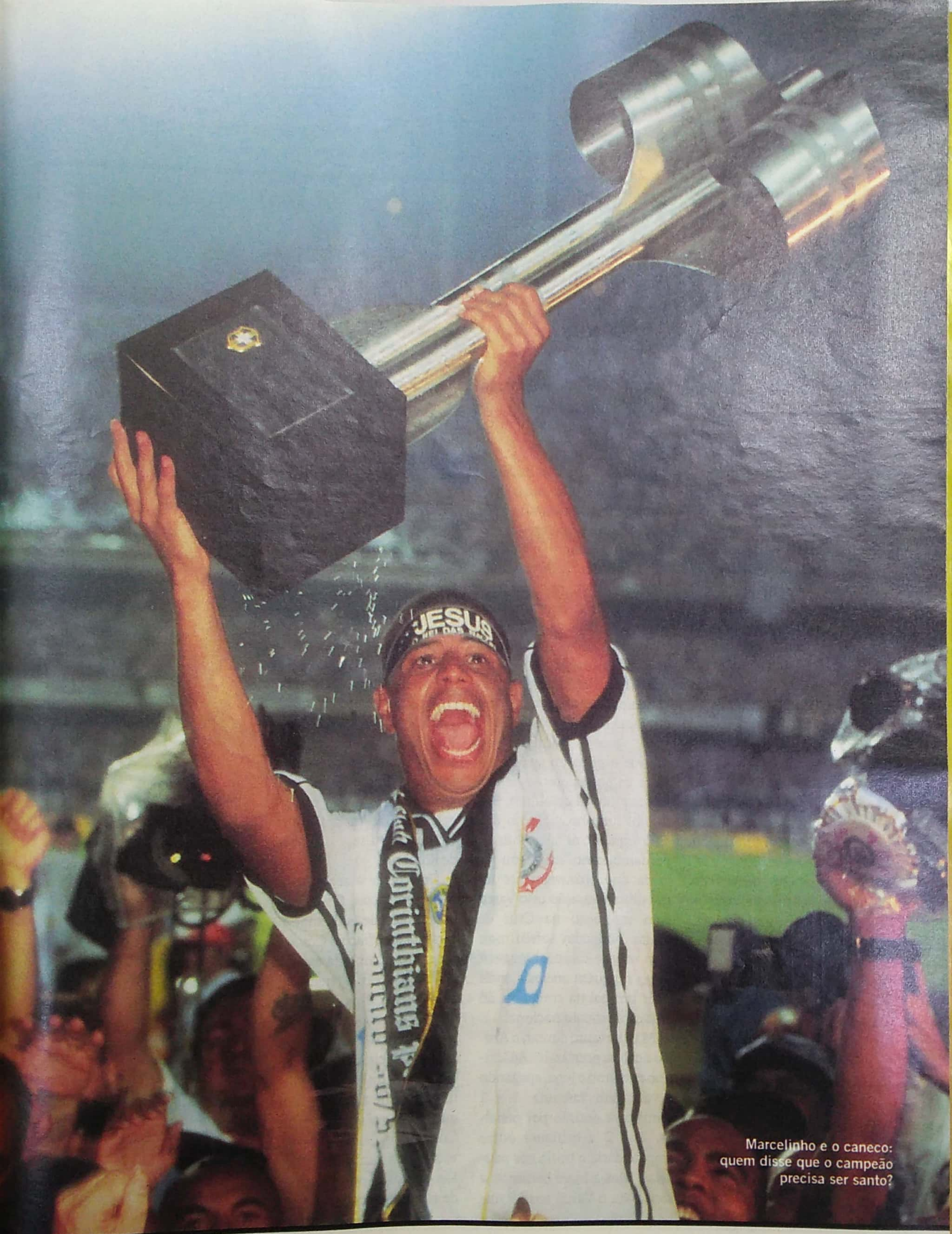
Tabu número 2: o grupo deve estar unido

Tirando a Seleção de 1990, é difícil puxar na memória algum elenco tão dividido como o do Corinthians de 1999. Recheado de jogadores com personalidades fortes, os choques foram inevitáveis ao longo da temporada. Marcelinho criticou em público a defesa após a derrota para o Vasco por 4 x 2, em São Paulo, revoltando os zagueiros. Márcio Costa e César Prates também trocaram acusações após a goleada de 4 x 0 sofrida diante do Atlético-MG no Maracanã

Tabu número 3: o apoio da torcida é decisivo

Das seis derrotas do Corinthians no Brasileirão, quatro foram em São Paulo. A equipe teve um aproveitamento de pontos maior fora (72%) do que dentro de casa. Em outros tempos, a falta de sintonia entre a equipe e a massa alvinegra poderia ter terminado numa campanha decepcionante. A maneira como o Corinthians superou esse obstáculo foi uma surpresa. Mais uma de um time que atropelou os adversários e velhos tabus para conquistar o bicampeonato nacional.

"JÁ RESPIRANDO OS ARES DA MODERNIDADE ADMINISTRATIVA TRAZIDA PELO PARCEIRO INTERNACIONAL, O CORINTHIANS PREFERIU MANTER UM PROJETO QUE VINHA SENDO TOCADO DESDE 1998"

22/12/99 MORUMBI (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 0 X 0 ATLÉTICO-MG
J: Carlos Eugênio Simon (RS); **CA:** Gilmar, Rincón, Marcelinho, Edílson, Galván, Caçapa e Gallo; **E:** Belletti
CORINTHIANS: Dida, Índio, João Carlos, Márcio Costa e Kléber; Gilmar (Edu), Vampeta (Marcos Senna), Rincón e Ricardinho; Marcelinho (Dinei) e Edílson. **T:** Oswaldo de Oliveira
ATLÉTICO-MG: Velloso, Bruno, Galván, Caçapa e Ronildo; Gallo, Valdir (Mancini), Belletti e Robert (Adriano); Lincoln (Hernani) e Guilherme. **T:** Humberto Ramos

Marcelinho e o caneco: quem disse que o campeão precisa ser santo?

O MAIS CONTURBADO Brasileirão de todos os tempos acabou com a mais confusa final: uma grade do São Januário cedeu, interrompendo a decisão entre o favorito Vasco e a zebríssima São Caetano. O jogo foi para o Maracanã e aí Romário levou seu primeiro Brasileirão

TÁ TUDO DOMINADO

Na decisão de Brasileiro mais conturbada de todos os tempos, só uma certeza: o Vasco e Romário foram os melhores da temporada 2000

>> POR ANDRÉ FONTENELLE

Como o Campeonato Brasileiro (ou Copa João Havelange) de 2000 vai passar para a história? A confusão jurídica que envolveu o segundo jogo decisivo será sempre lembrada. Mas ninguém poderá contestar o mérito do Vasco, porque é dentro de campo que os campeonatos se decidem. E nele deu Vasco.

A partida de São Januário acabou com o São Caetano jogando melhor, mas sem ter conseguido marcar um gol (o Vasco jogava pelo 0 x 0). A queda do alambrado impediu a torcida de saber como um Vasco sem Romário teria se saído. Se o Vasco foi culpado ou não pelo incidente, é uma questão que será eterno assunto de discussão. Felizmente para o Vasco a marcação de uma nova partida permitiu ao time ganhar dentro de campo — e a Romário, provar pela enésima vez, a quem ainda dizia o contrário, que ele marca, sim, em decisões, e conquistar o título brasileiro que faltava em sua carreira. Predestinação.

Saborosa vingança de Eurico Miranda em cima da Rede Globo, o time do Vasco entrou em campo patrocinado pelo SBT. O jogo decisivo começou morno. Natural, com o sol de três da tarde (o jogo começou às 16h, mas em horário de verão) e três semanas de férias impedindo os jogadores de correr. Como sempre, o time do ABC paulista começou com vontade, chutando a gol sempre que tinha oportunidade. Márcio Rezende de Freitas não marcou um pênalti (é preciso inventar uma palavra nova para definir o lance, pois "escandaloso" é pouco) de Odvan em Esquerdinha.

O Vasco se acalmou ao marcar o primeiro gol, numa troca de passes precisa dentro da área: Juninho Paulista, Romário, Juninho, bola no ângulo esquerdo de Sílvio Luiz. O pernambucano carimbou aquela que provavelmente foi sua última atuação pelo Vasco com um beijo na Cruz de Malta. Ninguém sofreu mais com os vice-campeonatos em série, ninguém merecia mais fazer um gol na conquista do tetracampeonato nacional.

Mas, de tanto chutar, o Azulão acabou acertando. Adãozinho empatou o jogo, apagando a vantagem vascaína. 1 x 1 significava decisão por pênaltis. 2 x 2 e qualquer outro empate daria o título aos paulistas. Mas a maré começou a virar para o Vasco aos 39 minutos, em nova troca rápida de passes dentro da área de Sílvio Luiz. A bola foi parar nos pés de Jorginho Paulista, sozinho — afinal, quem ia acreditar que Jorginho Paulista estava na área? O chute de perna esquerda, cruzado, passou por um Sílvio Luiz novamente sem ação.

O 2 x 1 não trouxe alívio, já que o São Caetano parecia prestes a empatar novamente. Mas tudo se transformou com 7 minutos do segundo tempo: Romário pediu a bola, resistiu a todas as tentativas de Daniel e mandou uma bomba no pouco espaço disponível entre o goleiro do São Caetano e a trave esquerda. Ou seja, o gol típico de Romário.

De repente a zebra do Brasileiro empacou. Os tão temidos chutes de Adhemar passaram a sair fracos. César não ameaçava mais pela esquerda, Claudecir não aparecia mais pelo meio. Nos contra-ataques, o Vasco perdeu a chance de aumentar, mas era suficiente. Difícil foi conter a torcida, que tinha razão de se impacientar: a decisão durou quase um mês. Mas enfim a Copa João Havelange podia voltar para a sala de troféus de São Januário, onde já estivera, desta vez merecidamente.

"SABOROSA VINGANÇA DE EURICO MIRANDA EM CIMA DA REDE GLOBO, O TIME DO VASCO ENTROU EM CAMPO PATROCINADO PELO SBT"

18/1/2001 **MARACANÃ (RIO)**

VASCO 3 X 1 SÃO CAETANO

J: Márcio Rezende de Freitas (PR);
R: R$ 442 270; **P:** 31761; **G:** Juninho Pernambucano 30, Adãozinho 37, Jorginho Paulista 40 do 1º; Romário 7 do 2º;
CA: Euller, Serginho, César, Romário, Gilmar e Claudecir
VASCO: Hélton, Clébson, Odvan, Júnior Baiano e Jorginho Paulista; Nasa, Jorginho (Henrique), Juninho Pernambucano (Paulo Miranda) e Juninho Paulista (Pedrinho); Euller e Romário. **T:** Joel Santana
SÃO CAETANO: Sílvio Luiz, Japinha (Gilmar), Daniel, Serginho e César; Adãozinho, Claudecir, Aílton (Leto) e Esquerdinha (Zinho); Adhemar e Wagner.
T: Jair Picerni

EDUARDO MONTEIRO

Juninhos e Romário, corpo e alma vascaínas: xô, zebra!

ALGUNS FORAM ESQUADRÕES, outros não passaram de esforçados bandos. Mas todos venceram, todos cravaram seus nomes na galeria dos heróis que conquistaram Brasileiros. Do Atlético de 1971 ao Vasco de 2000, 14 clubes ficaram com os 31 títulos em disputa

OS CAMPEÕES DOS Campeões

Flamengo (5), Palmeiras e Vasco (4), Corinthians, São Paulo e Internacional (3) são os recordistas de títulos no Brasileirão.

RODOLPHO MACHADO

O Flamengo de 80: Andrade, Marinho, Raul, Rondinelli, Carlos Alberto e Júnior; Tita, Adílio, Nunes, Zico e Júlio César.

MANOEL MOTTA

O Palmeiras de 72: Eurico, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca; Ronaldo, Leivinha, Madurga, Ademir da Guia e Nei.

O Vasco de 89: Mazinho, Luiz Carlos Winck, Zé do Carmo, Quiñónez, Marco Aurélio e Acácio; William, Sorato, Boiadeiro, Bebeto e Bismarck.

RICARDO CORRÊA

O Corinthians de 90: Giba, Jacenir, Marcelo, Guinei, Márcio e Ronaldo; Fabinho, Wilson Mano, Tupãzinho, Neto e Mauro.

NÉLSON COELHO

O São Paulo de 91: Zetti, Ronaldão, Leonardo, Ricardo Rocha, Zé Teodoro e Antônio Carlos; Müller, Raí, Macedo, Bernardo e Cafu.

CREDITO

O Internacional de 76: Manga, Cláudio, Figueroa, Vacaria, Marinho e Falcão; Valdomiro, Jair, Dario, Caçapava e Lula.

Caipirinha 51 e feijoada estão sempre juntas. Não adianta inventar outra mistura. A verdadeira, a brasileira, só com 51.

Caipirinha só com

uma boa idéia.

Evite o consumo excessivo do álcool